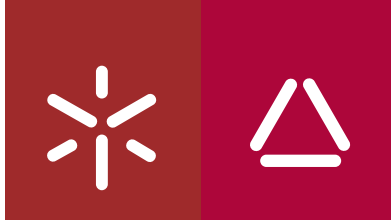


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Rui Pedro Farinha Lopes

**Sexualidade depois dos 55 anos:  
estudo sobre as representações  
e práticas sexuais em Portugal**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Rui Pedro Farinha Lopes

**Sexualidade depois dos 55 anos:  
estudo sobre as representações  
e práticas sexuais em Portugal**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Alice Delerue Matos**

julho de 2017

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Rui Pedro Farinha Lopes

**Endereço eletrónico:** ruifarinhalopes@gmail.com

**Telemóvel:** 918303058

**Número do Cartão de Cidadão:** 11371880

**Título da dissertação:** Sexualidade depois dos 55 anos: estudo sobre as representações e práticas sexuais em Portugal

**Orientador:** Professora Doutora Alice Delerue Matos

**Ano de conclusão:** 2017

**Designação do Mestrado:** Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

---

A produção e redação deste projeto não foi tarefa exclusiva do autor. A sua concretização dependeu também de um conjunto de pessoas e entidades, a quem deixo os meus sinceros agradecimentos:

À minha orientadora, Professora Doutora Alice Delerue Matos, por toda a ajuda e orientação e, sobretudo, por ter acreditado nas minhas capacidades e me ter motivado constantemente.

A todos os entrevistados que se dispuseram a partilhar um pouco da sua vida e que com as suas histórias e reflexões contribuíram decisivamente para o sucesso deste projeto.

Aos responsáveis e colaboradores da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Geral da Universidade do Minho pelo profissionalismo e simpatia.

Aos meus amigos, que me têm apoiado ao longo da minha vida.

À minha irmã, por tudo o que representa para mim.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, carinho e dedicação que só eles sabem dar.

A ti, Sandra, companheira de todas as horas e fonte de inspiração para este e outros trabalhos. Obrigado pela tua preciosa ajuda neste projeto.



## Resumo

---

O período revolucionário ocorrido em Portugal a 25 de abril de 1974 simboliza um ponto de viragem entre um passado repressivo e uma nova era de liberdade. A sociedade portuguesa apresenta um retrato distinto após esta data em todos os domínios, nomeadamente no campo da sexualidade.

O tema esteve ausente das linhas de investigação durante décadas e a sua discussão pública surgiu sobretudo a partir de 1984, focando-se inicialmente na vertente clínica e nos estereótipos, evoluindo depois para outras abordagens.

Neste contexto, importa perceber que alterações ocorreram nas representações e práticas sexuais dos indivíduos de 55 e mais anos, tomando por referência o período imediatamente anterior ao 25 de abril de 1974 e a atualidade. Recorrendo-se a uma amostragem em “bola de neve”, realizaram-se entrevistas semiestruturadas a um grupo de 22 portugueses pertencentes ao referido grupo etário, ou seja, indivíduos que eram adolescentes ou jovens adultos aquando da revolução democrática de 1974 e que residem, atualmente, na região Norte e na Grande Lisboa.

Os resultados evidenciam representações sobre a sexualidade e práticas sexuais distintas quando os entrevistados se referem ao período pré e pós revolucionário. Depreende-se todavia dos seus discursos que, não obstante o facto de a sexualidade ter saltado para a esfera da discussão pública, consideram a atitude da sociedade atual perante a prática sexual dos adultos com mais de 55 anos, muito castradora e quase condenatória, pelo que mantêm um comportamento de inibição da expressão da sua prática sexual, apesar de a entenderem como perfeitamente natural.

Os resultados anteriores sugerem existir, em Portugal, um longo caminho a percorrer na aceitação da prática sexual dos indivíduos com mais de 55 anos, sendo necessário sensibilizar a sociedade, e o próprio Estado, para uma discussão aprofundada do tema e para a implementação de políticas socioeducativas que possibilitem uma natural aceitação desta prática por todos os indivíduos, independentemente do grupo etário a que pertençam.



## Abstract

---

In Portugal the revolutionary period of 25th April 1974 symbolizes a turning point between a repressive past and a new era of liberty. There is a distinct aspect to all areas of Portuguese society after this date, particularly in the field of sexuality.

The topic was absent from lines of research for decades and only entered public debate primarily from 1984 onwards, initially focussing on the clinical perspective and on stereotypes, before evolving to include other approaches.

In this context, it is necessary to understand what alterations occurred in the sexual representations and practices of individuals of 55 years and over, with reference to the period immediately before the 25<sup>th</sup> of April 1974 and the present day. Using "snow-ball" sampling, semi-structured interviews were carried out with a group of 22 Portuguese individuals belonging to the aforementioned age bracket, i.e. individuals who were adolescents or young adults at the time of the 1974 democratic revolution and who currently reside in the North and Greater Lisbon regions. The results show different representations of sexuality and sexual practices when interviewees refer to the pre- and post- revolutionary period. However, it can be concluded from their dialogues that despite the topic of sexuality having entered the arena of public debate, they consider society's current attitude towards the sexual activity of adults over 55 years of age to be very repressive and almost condemnatory. For this reason they continue to inhibit the expression of their sexual activity, despite understanding it to be perfectly natural.

These results suggest that in Portugal there is a long way to go in terms of the acceptance of sexual activity among the over 55's, it being necessary to raise social and administrative (State) awareness of the need for an in-depth discussion of the topic and the implementation of socio-educational policies which will facilitate a natural acceptance of this activity for all individuals, regardless of the age group to which they belong.





# Índice

---

Introdução.....	1
1. Sexualidade – Revisão da literatura.....	7
1.1 A sexualidade na obscuridade.....	7
1.2 A revolução Kinsey .....	7
1.3 Os estudos sobre a sexualidade na Europa .....	10
1.4 As pesquisas científicas sobre a sexualidade em Portugal .....	12
2. Perspetiva teórica de análise.....	17
3. Metodologia.....	19
3.1 A escolha do método de investigação.....	19
3.2 A aplicação do método .....	20
3.3 Caraterização do público-alvo .....	23
4. Análise de resultados.....	25
4.1 Época de liberdade.....	25
4.2 Processo de mudança .....	28
4.3 Igualdade de género .....	29
4.4 Moral castradora .....	30
4.5 Cultura e sexualidade .....	31
4.6 A sexualidade no feminino.....	31
4.7 Representações e práticas da sexualidade na atualidade.....	33
4.8 Qualidade em detrimento de quantidade.....	34
4.9 Discutir a vida sexual.....	35
4.10 Representações sociais sobre a sexualidade depois dos 55 anos .....	36
4.11 Representações sociais dos indivíduos sobre a sua própria sexualidade .....	38
4.12 Sexualidade permitida apenas aos jovens .....	40
4.13 Sexo ao longo de toda a vida .....	41
Conclusão .....	43
Bibliografia .....	49
Anexos .....	61
Anexo 1 – Guião de entrevista .....	62

## Índice de Tabelas

---

Tabela 1 Caraterização do público-alvo .....	23
--	----

## Introdução

---

O período revolucionário ocorrido em Portugal com o 25 de abril de 1974 marcou uma viragem no regime político vigente e, por conseguinte, nas políticas sociais e educativas implementadas pelo novo governo democrático que se lhe seguiu.

Até esta data, a sociedade portuguesa viveu subjugada aos ditames repressivos e castradores do Estado Novo, assentes em políticas moralizadoras e de defesa dos «bons costumes», nas quais a igreja católica desempenhou um papel igualmente determinante. Aliás, tendo por base uma sociedade profundamente religiosa, o Estado Novo confiou à igreja católica a imposição dos valores e ideologia por ele preconizados, dado serem coincidentes com os do próprio Catecismo (Mónica, 1999).

A família era um dos pilares onde assentava o ‘edifício’ do Estado Novo (os três pilares eram Deus, Pátria e Família) e que servia de base a uma lógica organizacional cujo cume era a Nação. Salazar acreditava que só uma família forte poderia fazer um Estado forte e daí a importância de esta ser uma instituição estável e duradoura. “O tipo de família proposto pelo Estado Novo nada tinha de comum com as famílias das sociedades ocidentais. Em Portugal, o núcleo familiar era visto como uma estrutura estática, ocupando, desde há séculos, o mesmo lugar na pirâmide social.” (Mónica, 1996:17-18).

O homem detinha o lugar central na estrutura familiar, representando e exercendo a autoridade perante a esposa e os filhos. À mulher estava reservado apenas o papel de dona de casa (doméstica) e mãe.

“(…) o Estado Novo manteve-se fiel às mensagens inalteravelmente repetidas, com um intervalo de quarenta anos, pela Igreja Católica, nas encíclicas *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo anno* (1931), em que a «natureza» predispôs as mulheres a ficarem em casa a fim de educarem os seus filhos e de se consagrarem às tarefas domésticas.” (Cova e Pinto, 1997:72)

No fundo constatava-se que as mulheres, sobretudo as casadas, estavam impedidas de exercer um papel ativo na sociedade pelas restrições de vários direitos fundamentais como o direito de voto, o direito à propriedade privada, bem como a simples possibilidade de obter um passaporte, abrir uma conta bancária ou constituir uma empresa (Aboim, 2008). O difícil acesso ao mercado de trabalho impossibilitava as mulheres de serem independentes financeiramente dos seus maridos e de ascenderem económica e socialmente, sendo que a sua participação ou exclusão do mundo do trabalho era uma decisão que competia ao conjugue (Bebiano, 2003). A

supremacia masculina estava, inclusive, regulada legalmente na Constituição de 1933, no Código do Processo Civil de 1939 e no Código Civil de 1967 (Pimentel e Melo, 2015).

Não é, pois, de estranhar que no campo da sexualidade também o papel e a atitude da mulher estivessem condicionados por uma moral rígida e conservadora, muito mais do que o do homem. Enquanto a sociedade adotava uma atitude mais tolerante e menos condenatória para com a existência de uma prática sexual masculina anterior ao casamento, as mulheres deviam manter a virgindade até ao casamento e ser instruídas sexualmente pelos maridos. Em todo o caso, os preceitos morais ditavam que o sexo só poderia acontecer dentro do sacramento do matrimónio e tendo como finalidade a procriação.

“Mesmo no quadro do casamento, a sexualidade está fortemente associada à procriação. A vida sexual das mulheres casadas é justificada pela necessidade da existência dos filhos, e a infertilidade torna-se um estigma que pode trazer vergonha social. Do mesmo modo, o ciclo de vida sexual está intimamente ligado ao ciclo de vida reprodutiva. Ao nível das representações, após a menopausa a mulher torna-se assexuada.” (Policarpo, 2011:50)

A revolução sexual que já se tinha iniciado na Europa e nos Estados Unidos foi retardada em Portugal pelas condições sociopolíticas do regime salazarista. “O divórcio era proibido aos católicos, o sistema educativo ao nível básico e secundário baseava-se na separação dos sexos, a moral sexual era conservadora e vigiada. A influência estrangeira era controlada pela censura, não só nos meios de comunicação social mas também no cinema e na importação de revistas e livros.” (Amaro, 2006:60).

O *modus vivendi* que imperava na sociedade portuguesa dos anos 50 e 60 não resistiu, porém, totalmente às influências de transformação provenientes de outros países europeus e algumas mudanças começaram a ser forjadas no meio académico pelos movimentos estudantis (Cardina, 2008). A sociedade portuguesa, até agora fechada e encapsulada em si própria, começava a abrir brechas provocadas pelas contestações de rigidez e reivindicações de mudança dos meios universitários e intelectuais. A título de exemplo podemos referir as ondas de choque provocadas pelo Maio de 68 em França, a crise académica de 1969 em Coimbra<sup>1</sup> e a publicação da obra “Novas Cartas Portuguesas”<sup>2</sup>.

---

1 A crise académica de 1969 ocorreu em Coimbra na sequência de uma visita do Presidente da República e do Ministro da Educação à respetiva Universidade. Durante os discursos os estudantes pediram a palavra e tal não lhes foi concedido, o que originou uma onda de protestos em toda a academia. Foi então decretada pelos estudantes uma greve aos exames, a que se somaram várias ações de protesto na cidade e a publicação de um documento intitulado ‘Carta à Nação’, o qual defendia “uma universidade nova num Portugal novo”.

2 O livro “Novas Cartas Portuguesas”, da autoria de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, foi censurado pelo Estado Novo e deu azo a um processo judicial contra as autoras. Esta obra denunciava a condição da mulher na sociedade e abordava diversos temas tabus como a sexualidade, o aborto, o prazer feminino, entre outros.

Estas movimentações serviram de lastro para as mudanças de políticas e atitudes que vieram a ser operadas pela revolução de 25 de abril de 1974. “(...) «no espaço de algumas horas» um regime que durara meio século e parecia bem adaptado a um país rural e católico «desapareceu como se nunca tivesse existido».” (Ramos et al. 2009:705).

O surgimento de um novo Estado democrático trouxe ao país um conjunto de liberdades e garantias fundamentais ao seu desenvolvimento socioeconómico, político e cultural.

“A nova configuração da cidadania, em resultado da fundação do Estado democrático, implica as liberdades públicas, a afirmação dos direitos individuais e respectivas garantias e a entrada em vigor dos direitos políticos. Abriu-se a possibilidade à participação política, social e cívica. (...) Com as liberdades e sob a influência de uma sociedade cada vez mais aberta ao mundo, liberalizaram-se os costumes, progrediu a permissividade e afirmou-se a laicização da sociedade e dos comportamentos.” (Barreto, 2005:156-157)

A liberdade vivida a partir dessa data teve forte influência na evolução da sociedade portuguesa e, principalmente, na emancipação da mulher, conferindo-lhe o direito de aspirar a uma posição mais igualitária na sociedade. A garantia de direitos fundamentais como a educação, a liberdade de pensamento e expressão, bem como a independência (sobretudo financeira) conquistada por via do acesso ao mercado de trabalho, alteraram o paradigma social existente, com particular incidência no público feminino.

Em virtude desta liberdade que se faz sentir em todos os domínios, também a sexualidade adquire subitamente uma maior exposição na sociedade portuguesa do pós 25 de abril. “O sexo passa a ser discutido publicamente, nomeadamente através dos meios de comunicação de massas.” (Policarpo, 2011:57). O próprio Estado passa a dar relevância a este tema, trazendo-o para a esfera pública, mediante a promulgação de leis e medidas relacionadas com as questões de planeamento familiar, educação sexual<sup>3</sup> e interrupção voluntária da gravidez<sup>4</sup>.

Na sociedade civil, o acesso a um grande número de obras de cariz sexual passou a estar muito facilitado. No cinema, filmes como *O Último Tango em Paris*, *Emanuelle* e *Garganta Funda* tornaram-se sucessos de bilheteira em Portugal. Foi possível igualmente encontrar nas bancas revistas pornográficas como a *Gina* ou publicações desafiantes da moral tradicionalista de anos anteriores como a *Gaiola Aberta*.

Perante esta realidade tão diferente, importa-nos perceber se a vivência da liberdade foi aproveitada pelos portugueses da época para alterar os seus costumes e hábitos sociais e qual o

---

<sup>3</sup> Em 1976 a Secretaria de Estado da Saúde publicou um despacho que introduziu as consultas de planeamento familiar nos centros de saúde, no âmbito da saúde materno-infantil (Despacho de 16 de Março de 1976, publicado no Diário da República de 24 de Março de 1976, p.1937). É nestas consultas que se inicia a disseminação do uso da pílula contracetiva. Oito anos depois é publicada a lei sobre o direito ao planeamento familiar e à educação sexual (Lei n.º 3/84 de 24 de Março).

<sup>4</sup> A primeira lei sobre a interrupção voluntária da gravidez foi publicada em 1984 (Lei n.º 6/84 de 11 de Maio) e previa que tal interrupção acontecesse apenas em casos de perigo de lesão ou vida da mulher, casos de malformação fetal e situações de violação.

impacto de tais mudanças na sua vida quotidiana. Assumindo que o 25 de Abril de 1974 representa um ponto de viragem entre um passado mais repressivo e castrador e uma nova era de liberdade, assente no respeito e garantia dos direitos dos cidadãos, a sociedade portuguesa terá certamente um retrato distinto após esta data.

Este estudo pretende, pois, analisar o impacto dessa mudança, ocorrida sobretudo ao nível das mentalidades, mas impulsionada por políticas sociais e educativas sustentadoras de uma maior liberdade de pensamento e atuação/intervenção social.

O elemento aferidor da mudança que elegemos como objeto de análise foi o da sexualidade<sup>5</sup>. É nossa intenção comparar as representações e práticas sexuais em dois momentos: antes do 25 de Abril e na atualidade e, ao mesmo tempo, perceber em que medida estas representações e práticas são hoje condicionadas pelas vivências anteriores àquele período revolucionário.

Este estudo recorreu a uma população-alvo constituída por portugueses de 55 e mais anos, ou seja, que eram adolescentes ou jovens adultos no momento da revolução democrática de 1974. A definição deste grupo-alvo deriva do facto de o seu percurso e experiência sociopessoal serem de especial relevância, dado uma parte (maior ou menor) da sua vida ter estado sujeita consecutivamente às políticas e ao contexto social do período pré e pós revolução.

O que nos é dado perceber pela investigação já realizada é que a sexualidade dos indivíduos acima dos 55 anos continua a ser um tema tabu para a sociedade portuguesa e, quando abordado, surge acompanhado de uma visão bastante negativa. Esta visão decorre do preconceito existente na sociedade, e nestes próprios indivíduos, que tendem a associar o adulto com mais de 55 anos a um ser assexuado, sem possibilidade de afirmação do seu ímpeto sexual. O ato sexual é visto como uma prática contranatura para estes cidadãos (Mixão e Borges, 2006).

Existe, ainda, na comunidade atual uma tendência para o culto da imagem, que parece afetar a visão e a aceitação da sexualidade nesta faixa etária. A imposição de padrões de beleza, através dos meios de comunicação, impele o cidadão a adotar um conjunto de comportamentos e práticas pré-definidas de modo a fomentar a sua aceitação social. A sexualidade é entendida, neste cenário, como uma atividade predominantemente associada à população mais jovem (López e Fuertes, 1989). Decorre desta ideia o facto de que muitas mulheres maduras sentem

---

<sup>5</sup> Torna-se relevante precisar o que aqui se entende por sexualidade. Segundo a OMS (2001:8), a sexualidade é “uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”. Por seu lado, Chapman nota que: “Sexuality in a broader sense includes much more than sexual intercourse. It encompasses the most intimate feelings and deepest longings of the heart to find meaningful relationships (...). It may include touching, holding, and close companionship in addition to genital play, oral sex and other intimate expressions short of intercourse” (Chapman, 1999:8).

que o envelhecimento, por afetar as suas qualidades de beleza, influencia também a sua capacidade de atração física junto dos parceiros, criando um sentimento de insegurança e uma diminuição do apetite sexual (Lima, 2006). No caso masculino, a questão coloca-se sob o ponto de vista da virilidade e da capacidade de resposta física aos impulsos sexuais. Ainda assim, alguns estudos indicam que os “idosos” com um nível superior de educação parecem ter uma atitude mais positiva face à sexualidade (Buono, et al., 1998).

Na abordagem da sexualidade dos indivíduos com mais de 55 anos, não podemos descurar o contexto social em que se enquadra este trabalho de investigação, particularmente no que respeita aos aspetos demográficos caracterizadores da sociedade portuguesa contemporânea.

Os estudos demográficos demonstram que a tendência de um acentuado declínio populacional é uma realidade em Portugal tal como na maior parte dos países desenvolvidos. Esse declínio é, contudo, acompanhado por alterações significativas ao nível da “estrutura etária da população, resultando num continuado e forte envelhecimento demográfico” (INE, 2014:1). Estima-se que entre 2012 e 2060 o índice de envelhecimento no nosso país aumente de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens. Em 2015, um em cada três portugueses tinha mais de 55 anos (Pordata), o que demonstra bem a importância do estudo deste grupo etário, cada vez mais representativo. Além da correlação entre a prática sexual e o crescente envelhecimento da população portuguesa, importa incluir neste estudo outros fatores que podem contribuir para a perceção da representação social que os portugueses com mais de 55 anos fazem da sua sexualidade.

Portugal é um país tradicionalmente religioso, com 81 por cento da população a professar o catolicismo (INE, 2011), sendo que o peso da religião, com os valores morais/culturais a ela associados, poderá ser um fator aparentemente inibidor da prática sexual e da sua plena assunção. Esta afirmação poderá encontrar eco, sobretudo, num extrato populacional que esteve sujeito a uma educação moral e religiosa bastante rígida sob os preceitos da igreja católica.

A escassez de estudos sobre a sexualidade dos cidadãos com mais de 55 anos em Portugal não permite fazer um retrato fiel e completo sobre qual o seu comportamento perante a prática sexual e a forma como ela é representada socialmente, e daí a importância do trabalho que pretendemos realizar.

Embora a sexualidade tenha invadido a esfera pública nos últimos anos e se fale muito mais abertamente de sexo, este parece estar ainda muito associado às camadas mais jovens da população, permanecendo um preconceito velado sobre a existência e perceção desta prática nos indivíduos com mais de 55 anos.





# 1. Sexualidade – Revisão da literatura

---

## 1.1 A sexualidade na obscuridade

O tema da sexualidade praticamente não fez parte das prioridades da comunidade científica até meados do século XX. O sexo era entendido até então quase exclusivamente como um meio do processo reprodutivo, movido por ditames racionais, visando a procriação. Esta visão era imposta sobretudo pelas autoridades religiosas de inspiração católica que advogavam que o sexo seria apenas aceite dentro do sagrado matrimônio e com o fim exclusivo da procriação (Richards, 1994). A Encíclica Casti Connubii, do Papa Pio XI, deu especial relevo ao tema na abordagem feita ao matrimônio: “(...) every use of the faculty given by God for the procreation of new life is the right and the privilege of the married state alone, by the law of God and of nature, and must be confined absolutely within the sacred limits of that state.” (1930).

Os poucos estudos científicos conhecidos sobre a sexualidade consistiam basicamente nas pesquisas sobre as perversões (degeneração, delinquência e psicopatologia sexual), onde autores americanos como Frank Lydston, Adolf Meyer e William Healy foram pioneiros, e nos artigos e livros de conselhos sexuais para casais heterossexuais publicados por diversos sexólogos britânicos, como Marie Stopes, Havelock Ellis e Norman Haire (Garton, 2009).

“Talvez o mais influente dos investigadores usando dados antropológicos e históricos tenha sido o dermatologista alemão Iwan Bloch (1872-1922). Embora muita da primeira literatura de investigação sobre o sexo tivesse incluído o estudo de casos históricos, Bloch efectuou um corte epistemológico ao advogar o estabelecimento de uma Ciência Sexual (Sexualwissenschaft), que deveria incluir não apenas dados biológicos e psicológicos, mas também informação cultural, social e histórica” (Bullough apud Vaz, 2003:39).

Tendo cunhado o termo Sexualwissenschaft<sup>6</sup>, que mais tarde passou a ser traduzido como ‘sexologia’, Iwan Bloch é considerado o pai deste conceito (Haeberle, 1983).

## 1.2 A revolução Kinsey

Quem, todavia, deu o maior contributo para consubstanciar o conceito ‘sexologia’ no meio científico foi Alfred Kinsey através dos seus estudos Sexual Behavior in the Human Male (1948) e

---

<sup>6</sup> O termo Sexualwissenschaft foi utilizado pela primeira vez na obra de Iwan Bloch “The sexual life of our time in relation to modern civilization”, publicado originalmente em 1906.

Sexual Behavior in the Human Female (1953), os quais tiveram um enorme impacto na comunidade científica e nos cidadãos, “transformando completamente as discussões em torno dos comportamentos sexuais.” (Garton, 2009:304). Vern Bullough afirmou mesmo que Kinsey revolucionou o estudo do sexo conferindo-lhe o carácter de uma verdadeira disciplina científica e abrindo-o a outras vertentes do conhecimento que não apenas a vertente clínica, dominante até então (Bullough, 1994). Os seus estudos basearam-se em amostras significativas da população americana que incluíam estratos sociais e etários nunca antes considerados, nomeadamente cidadãos ‘idosos’. As conclusões vieram demonstrar que a atividade sexual desta faixa etária não diminui drasticamente com o envelhecimento e que dela continuam a retirar prazer tanto homens como mulheres, embora em diferentes proporções (Kinsey et al., 1948-1953). Fenómenos biológicos como a menopausa e a andropausa não determinam uma cessação ou redução abrupta da prática sexual, ao contrário do que sugeria Havelock Ellis (1933).

A sexualidade nos idosos foi quase sempre caracterizada por estereótipos, preconceitos e falta de conhecimento (Gomes, 1987; Limentani, 1995; Lopez & Fuertes, 1989). O pensamento generalizado tendia a catalogar os idosos como seres assexuados (Mixão & Borges, 2006; Walz, 2002). Neste domínio, e seguindo os trabalhos de Kinsey, os estudos conduzidos por Masters e Johnson vieram trazer a público informações completamente novas sobre a sexualidade deste grupo etário, reforçando a ideia de que a sua atividade sexual se mantém na terceira idade desde que se preservem determinadas condições, nomeadamente saúde e existência e interesse do parceiro. Apesar de se poder registar um certo declínio na resposta sexual fisiológica, Masters e Johnson evidenciaram que não existia uma idade limite para a prática sexual e que esta continuava a ser do interesse de muitos idosos (Masters & Johnson, 1966).

Esta tese foi também confirmada pelas investigações de Pfeiffer e Verwoerd que demonstram que, entre os 65 e os 71 anos, 90% dos homens e 50% das mulheres continuam a ter interesse na prática sexual, embora esta vá diminuindo à medida que aumenta a idade. Também fica demonstrado que as razões que levam as mulheres a ter uma prática sexual inferior à dos homens são alheias à sua vontade e dependem muitas vezes do companheiro (morte, impotência ou doença do marido, separação ou divórcio) ou da sua ausência. No caso masculino, o decréscimo fica a dever-se também a problemas de impotência, doença ou falta de interesse (Pfeiffer et al., 1972).

Em 1977, seguindo a mesma linha de raciocínio dos seus antecessores, Martin leva a cabo um estudo sobre a diminuição da frequência coital, registando que a mesma diminui a cada cinco anos depois dos 34 anos de idade dos indivíduos (Martin apud Ramos & González, 1994).

De realçar, porém, que os estudos desenvolvidos até esta altura se centraram basicamente na frequência do ato sexual, descurando a percepção que os indivíduos têm da sua qualidade e do grau de satisfação atingido.

Hite vem precisamente inovar neste campo ao introduzir nas suas investigações a questão da qualidade e dos sentimentos na conduta sexual. Embora o seu estudo *The Hite Report on Female Sexuality* incluía mulheres dos 14 aos 78 anos, foi possível tirar conclusões relativamente à atividade sexual das mulheres mais velhas, através dos inquéritos efetuados, e perceber que o seu prazer sexual tinha aumentado com a idade, sobretudo após a menopausa. A maioria das mulheres inquiridas ainda se mantinha sexualmente ativa (Hite, 1976). Um estudo semelhante foi aplicado ao género masculino, *The Hite Report on Male Sexuality*, tendo-se percebido que os homens estão muito presos ao estereótipo do 'macho', o que os impede muitas vezes de viverem uma sexualidade sã e satisfatória (Hite, 1981).

A partir da década de 1980 surgiram outras leituras relativamente ao tema da sexualidade na velhice. O trabalho de George e Weiler (1981), baseado no *The Duke Longitudinal Studies of Normal Aging 1955-1980*<sup>7</sup>, permitiu perceber que a atividade sexual dos mais velhos se mantinha mais estável do que o que era referido nos estudos anteriores. Por outro lado, as pesquisas realizadas por Starr e Weyner deram especial relevo à sexualidade dos idosos e introduziram elementos de análise quantitativa e qualitativa para abordar os desejos, frustrações e comportamentos sexuais dos indivíduos com mais de 60 anos. Longe de reportarem um estágio de declínio da sua atividade sexual, os respondentes demonstraram um elevado interesse na mesma e uma atitude liberal relativamente ao tema, assumindo uma variedade de práticas sexuais, como a masturbação e o sexo oral, e admitindo que o sexo continua a satisfazê-los como na juventude (Starr & Weyner apud Frayser & Whitby, 1995).

Edward Brecher (1984) levou a cabo um novo estudo que envolveu 1844 mulheres e 2402 homens, com idades iguais ou superiores a 50 anos, onde se incluíam indivíduos de diversos estados civis e também homossexuais. Das conclusões obtidas foi possível depreender que existe uma relação muito estreita entre a atividade sexual dos casais e o seu grau de satisfação/felicidade no casamento. Entre os fatores de satisfação destacam-se a frequência do sexo conjugal e o conforto em discutir abertamente este assunto com o parceiro.

Os estudos desenvolvidos a partir dos anos de 1990 começaram a introduzir outras variáveis de análise às quais não tinha sido dada grande atenção anteriormente. De referir, por exemplo, a

---

<sup>7</sup> Estudo longitudinal desenvolvido por uma equipa de especialistas da Duke University Medical Center e que procurou perceber as dinâmicas ligadas ao envelhecimento.

investigação de Schiavi et al. (1990) em que o parâmetro de avaliação foi a ereção noturna dos homens entre os 45 e os 74 anos de idade. Verificou-se que a satisfação sexual dos participantes não se alterou com a idade, apesar de se ter registado uma diminuição da frequência, duração e grau de ereção noturna.

Conway-Turner (1992) introduziu também variáveis como os beijos e as carícias sexuais para aferir a sua relação com a autoestima das participantes no seu estudo (mulheres afro-americanas de 60 anos), tendo-se verificado uma correlação positiva significativa.

Questões como o grau de informação dos participantes e as suas atitudes, ou de terceiros, perante o sexo na velhice, entre outros aspetos, foram igualmente consideradas nos trabalhos de alguns autores (Brogan, 1996; DeLamater, 2012; Hillman & Stricker, 1996; Steinke, 1994; Waite et al., 2009).

Não obstante as tentativas realizadas para alargar o espectro de estudos no que respeita às questões da sexualidade, a verdade é que a tendência generalizada era a de analisar a frequência e qualidade da atividade sexual ou os fatores clínicos que poderiam condicioná-la com o avançar da idade dos indivíduos (Laumann et al., 2008; Lindau et al., 2007; Liu et al., 2016; Trompeter et al., 2012).

Importa salientar, no entanto, que os trabalhos atrás referidos são conduzidos por uma corrente de investigação americana, assente numa abordagem mais aberta e pragmática do que aquela que se desenvolveu no contexto europeu.

### **1.3 Os estudos sobre a sexualidade na Europa**

O tema da sexualidade começou a ser estudado na Europa mais tardiamente e de uma forma pouco consolidada. Em 1969 foi publicado na Suécia um relatório sobre a sexualidade naquele país, coordenado por Hans Zetterberg para o Svenska Institutet for Opinionsundersökningar (SIFO). Este relatório permitiu ter uma visão da sexualidade mais contextualizada do que a do americano Kinsey, abordando aspetos como as normas sociais do comportamento sexual, as regras da vida em comum, o amor e formas de proteção, a educação sexual e a igualdade de género<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Zetterberg & SIFO, Om sexuallivet i Sverige. Värderingar, normer, beteenden i sociologisk tolkning, Stockholm: SOU (Svenska Offentliga Utredningar), 1969. O estudo está disponível em língua sueca no website de Hans Zetterberg: [http://www.zetterberg.org/Books/b69\\_Sex/b1969\\_dir/bok\\_001.htm](http://www.zetterberg.org/Books/b69_Sex/b1969_dir/bok_001.htm) (consultado a 20 de dezembro de 2016).

No ano seguinte foi publicado um outro relatório, desta vez sobre o comportamento sexual dos franceses, elaborado por Pierre Simon, que surge na sequência da Revolução de maio de 1968 e na senda da difusão de uma 'liberalização sexual' e dos métodos contraceptivos (Simon, 1970). O estudo baseou-se numa amostra de 2625 indivíduos, maiores de 20 anos, e introduziu uma abordagem inovadora ao debruçar-se não só sobre a prática sexual mas também sobre questões relacionadas com o planeamento familiar e o uso de contraceptivos.

É também na década de 1970 que se situam alguns dos estudos pioneiros sobre a sexualidade na velhice. Jiménez (1975) analisou a atividade sexual de 369 mulheres espanholas com idades compreendidas entre os 50 e os 79 anos, tendo concluído por um decréscimo da mesma apesar de se comprovar a sua existência, contrariamente ao que se pressupunha (Jiménez apud Ramos & González, 1994). A Alemanha assumiu, na segunda metade da década de 1970, um papel de relevo na investigação relativa à sexualidade na velhice numa perspetiva psicossocial (Dannecker, 1979; Tummers, 1976).

Todavia, é na Escandinávia que encontramos alguns dos trabalhos mais interessantes da década seguinte. Person (1980) estudou uma amostra de habitantes de Gotemburgo, com mais de 70 anos, e concluiu que 46% dos homens e 16% das mulheres mantinham relações sexuais. Foi possível ainda associar a prática da atividade sexual a fatores de saúde e emocionais demonstrando, por exemplo, que as mulheres que continuavam a exercer esta prática tinham níveis mais baixos de ansiedade e melhor saúde mental.

A permanência do desejo sexual nos adultos com mais de 60 anos foi comprovada igualmente no estudo de Kivelä et al. (1986) onde se verificou que dois terços dos homens finlandeses admitiam manter esse desejo. No caso das mulheres, porém, esse número baixa para apenas 1/4.

Não obstante os estudos atrás referidos, a investigação sobre o tema da sexualidade na velhice foi muito incipiente até à década de 1990, altura em que começaram a surgir novas investigações em diferentes latitudes, ainda que muito centradas em aspetos ligados à frequência e satisfação sexual (desejo, ereção, orgasmo) (Bomsdorf, 1993; Dello Buono et al., 1998; Ebberfeld, 1992; Graziottin, 1997; Halgason et al., 1996; Paunonen et al., 1990; Ribera et al., 1991; Sydow, 1992). Por exemplo, Nieto (1995) verificou que os indivíduos que foram sexualmente ativos na sua juventude tendiam a manter uma certa regularidade na prática de relações sexuais durante a velhice.

Com a viragem do milénio, surge uma nova abordagem da temática pela mão dos autores britânicos Gott e Hinchliff (2003) que, fazendo um pouco a rutura com os estudos existentes,

centram o seu foco de investigação nas atitudes dos idosos relativamente ao papel e ao valor que atribuem ao sexo.

“Their [Gott e Hinchliff] study particularly highlighted how older people adapt and reprioritise sex when faced with barriers to remaining sexually active, such as not having a sexual partner and having poor health status. They refuted the widely held belief that if older people are not sexually active, sex is not important to them.” (Bouman et al., 2006:150)

Já em território francês, Colson (2007) desenvolveu um estudo em que tentou desmontar algumas das ideias preconcebidas e dos mitos sobre a sexualidade na velhice, notando que estas são duas das principais barreiras à assunção de uma vida sexual plena por parte dos idosos.

Umidi et al. (2007), no estudo que conduziu em Itália (Milão e Monza) com uma amostra de 230 idosos, concluiu que estes transmitem as suas emoções relativamente à esfera afetiva e sexual com diferentes níveis de desejo pelo contacto físico. As mulheres, por exemplo, parecem valorizar mais fatores como a qualidade dos seus relacionamentos e as questões de saúde mental do que os fatores fisiológicos na sexualidade na velhice.

Apesar de algumas variações, verificamos que a literatura na Europa continua muito centrada nas questões ligadas à atividade e frequência sexual dos idosos, descurando outras vertentes de análise. Isso mesmo é visível nos trabalhos de Muller et al. (2014) e Lee et al. (2016) efetuados a partir de amostras recolhidas na Alemanha e Inglaterra, respetivamente. Lee et al. reafirmam algumas das conclusões já enunciadas por outros autores:

“The prevalence of reporting any sexual activity in the last year declined with age, with women less likely than men at all ages to report being sexually active. Poorer health was associated with lower levels of sexual activity and a higher prevalence of problems with sexual functioning, particularly among men.” (Lee et al., 2016:133)

#### **1.4 As pesquisas científicas sobre a sexualidade em Portugal**

Em Portugal, o tema da sexualidade esteve ausente das linhas de investigação durante várias décadas e a sua discussão pública era inexistente. A sexualidade estava confinada ao quarto do casal, conforme relata Aboim (2013), referindo-se às décadas de 1950/1960:

“Permeada de interditos, só a sexualidade vivida dentro do casamento, obviamente heterossexual e destinada primordialmente à reprodução e à constituição de uma família, era publicamente aceitável. Durante o período do Estado Novo, a cumplicidade ideológica com uma moral católica de elogio da castidade e virtude femininas e do casal como lugar

destinado à procriação era fortemente controladora de qualquer outra forma de expressão da sexualidade” (2013:10).

Com a Revolução de Abril, o tema da sexualidade começou a ganhar espaço, sobretudo a partir de 1984<sup>9</sup>, com a realização do 1.º Congresso Nacional de Sexologia, em Lisboa, onde o tema foi abordado pela primeira vez sob uma perspetiva multidisciplinar, abrindo caminho ao nascimento “da investigação científica e clínica nesta área” (Gomes et al., 1987). Até então, as tentativas de estudo da sexualidade resumiam-se a alguns trabalhos sobre a prostituição (Bragança, 1875; Cruz, 1841; Fonseca, 1902; Gião, 1891), a questões desviantes, como os crimes e delitos sexuais (Aguilar, 1930) e a conselhos de cariz sexual para as noivas (Gallis, 1910). Importa, no entanto, destacar o estudo que Egas Moniz publicou em 1901, *A Vida Sexual*, um considerável êxito editorial onde o autor procura delimitar a sexualidade sã, considerando a homossexualidade e a masturbação como doenças (Moniz, 1901).

É na década de 1980 que o tema da sexualidade ganha relevo no meio académico. A obra de 1987, *Sexologia em Portugal*, é um dos primeiros esforços para um estudo sistematizado da sexualidade dos portugueses. Em dois volumes e com a colaboração de mais de quatro dezenas de investigadores, o livro procura refletir diversas dimensões: clínica, social e cultural (Gomes et al., 1987).

Nos anos seguintes, surgiram mais alguns trabalhos sobre o tema, focando-se em aspetos como o relacionamento dos jovens com a sexualidade (Miguel, 1988), o planeamento familiar e a sexualidade (Portugal, 1994), as atitudes face à sexualidade (Ramos, 2005) ou a relação entre a religião e a sexualidade (Pacheco, 2003).

Um assunto menos estudado em Portugal é, porém, o da sexualidade na velhice (Lima, 2006). Escasseia a literatura mas evidenciam-se algumas tentativas para tornar o tema mais visível. De referir, desde logo, o artigo de Gomes (1987)<sup>10</sup>, que discorre sobre a “sexualidade na segunda metade da vida”, colocando em evidência os estereótipos e mitos acerca da sexualidade nesta fase da vida, bem como os comportamentos e problemas sexuais de homens e mulheres. Através de uma revisão da literatura, Gomes concluiu que ambos os sexos mantêm uma vida sexual ativa, ainda que seja efetivo um decréscimo da mesma com o avançar da idade.

Pacheco e Gamito (1993) partilham da opinião de que, apesar das limitações existentes na sexualidade da população idosa, essas não são impeditivas de uma vivência da mesma,

---

<sup>9</sup> Em 1984 foi aprovada a lei que consagrava o direito à educação sexual e de acesso ao planeamento familiar (Lei n.º 3/84, de 24 de Março).

<sup>10</sup> O mesmo autor, Francisco Allen Gomes, já antes, no ano de 1978, assinara um pequeno texto sobre a “Sexualidade na Terceira Idade”, onde além de uma introdução histórica, discorria sobre o comportamento sexual e o processo de envelhecimento no homem e na mulher e sobre as perturbações sexuais nesta fase da vida (Gomes, 1978).



defendendo que algumas dessas limitações se poderão transformar numa nova forma de encarar o sexo.

A sexualidade na velhice tem sido tratada, sobretudo, na sua vertente clínica, com destaque para os problemas ligados à disfunção erétil (Pereira & Gomes, 1994) e disfunção sexual feminina (Carvalho & Santo, 2014).

Os estereótipos que incidem sobre a sexualidade na velhice têm sido também abordados (Lima, 2003; Martins & Rodrigues, 2004), bem como questões ligadas à educação sexual (Lima, 2006).

No entanto, a maior parte das conclusões apresentadas derivam de estudos publicados na literatura estrangeira e não de dados empíricos tratados localmente, o que poderá enviesar a própria demonstração da realidade portuguesa.

As representações sociais que os idosos fazem da sua própria sexualidade não têm merecido grande atenção por parte dos investigadores, ainda que seja interessante ressaltar o trabalho que Sally Cole (1994) fez junto de uma comunidade piscatória do concelho de Vila do Conde, onde analisou a vida e as atitudes das mulheres dessa comunidade. Um dado interessante prende-se com a representação da sexualidade após a menopausa:

“Quando a mulher chegava à menopausa, as pessoas diziam: «Já não é mulher. Pode trabalhar à vontade». Isto não significava que as mulheres na menopausa fossem sexualmente mais activas do que as outras mulheres, mas dá razão ao argumento segundo o qual as mulheres antes da menopausa deviam ter vergonha na expressão da sua sexualidade devido à sua fertilidade e não à sua sexualidade predatória e ameaçadora. É interessante notar que as mulheres mais velhas usam o verbo «trabalhar» para dizer «ter relações sexuais», sugerindo que elas se vêem a si próprias como agentes sexuais, da mesma forma que se vêem como agentes económicos”. (Cole, 1994:103).

Mais recentemente têm sido conduzidos alguns estudos exploratórios em Portugal relativos às vivências da sexualidade na velhice. Vasconcellos et al. (2004), num estudo comparativo entre o Brasil e Portugal, envolvendo 187 indivíduos com idades entre os 52 e os 90 anos, evidenciou que 75% dos homens e 38% das mulheres portuguesas admite ter relações sexuais pelo menos uma vez por mês. Os inquiridos, confessam também que, se fossem jovens atualmente, seriam mais desinibidos sexualmente, pois um terço da amostra declara ter recebido pouca informação sobre a atividade sexual antes do casamento e, no caso das mulheres, cerca de metade não recebeu qualquer informação. O estudo sublinha ainda que apenas 9% das portuguesas fala de sexo com o parceiro.

Por seu lado, Valente (2008) efetuou uma investigação com base numa amostra de 45 indivíduos (23 dos quais do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 68 e os 94 anos. Concluiu que a maioria dos indivíduos continuava a ter relações sexuais após os 65 anos, sobretudo os do sexo masculino.

Alguns trabalhos académicos têm-se debruçado igualmente sobre a sexualidade dos idosos (Costa, 2009; Pinto, 2012; Ribeiro, 2010), com abordagens mais centradas nos fatores que influenciam a sexualidade e nas atitudes dos indivíduos.

Ainda assim, a investigação realizada permite-nos concluir que este tema está deficitariamente estudado no nosso país, razão pela qual se pretende que este trabalho possa contribuir para um maior aprofundamento do mesmo.



## 2. Perspetiva teórica de análise

---

O estudo das representações sociais sobre a sexualidade depois dos 55 anos é o principal propósito desta pesquisa. Em termos teóricos, a mesma inscreve-se na linha de pensamento desenvolvida por Serge Moscovici denominada Teoria das Representações Sociais.

A formulação desta teoria ocorreu em 1961 na obra deste psicólogo, intitulada *La psychanalyse, son image et son public*, e consiste na ideia de que “une représentation sociale n’exprime pas la situation d’une société uniquement telle qu’elle est, mais telle qu’elle est en train de se faire. La représentation est à la fois un terme et un résultat de ce développement ou des secteurs entiers de la société se consolident, disparaissent, ou changent” (Moscovici, 1961:341).

Partindo do pressuposto de que no interior da sociedade os conhecimentos são diferentes e dependem de normas e objetivos de grupos ou comunidades também elas diferentes, Moscovici corporiza uma nova teoria que entende o conhecimento como social e não universal (Farr, 1986) e onde as representações sociais são fundamentalmente dinâmicas e não imóveis.

Para a prossecução do seu trabalho, Moscovici recuperou um conceito formulado por Durkheim, no final do século XIX: as representações coletivas. Durkheim entendia que a vida coletiva era feita de representações (Durkheim, 1897) e que, no caso das representações coletivas, o indivíduo incorporava e interiorizava, através da vida em sociedade e da apreensão de normas e regras, as formas de pensamento que melhor expressavam a realidade dessa mesma sociedade (Durkheim, 1898).

Moscovici rejeitou esta visão de subjugação do sujeito à sociedade e conferiu-lhe uma dimensão psicológica<sup>11</sup>. Na prática, a visão universalista do comportamento do indivíduo em sociedade, obedecendo a normas pré-estabelecidas e com um sentido quase determinístico, foi contraposta pela visão de Moscovici de que o comportamento do indivíduo depende do grupo ou comunidade em que se insere mas é dinâmico, pois move-se numa sociedade em constante mutação.

Moscovici afastou-se por isso do conceito de representação coletiva, firmado por Durkheim, preferindo a designação de representação social, no sentido de realçar a ligação entre o mundo individual e o mundo social dos sujeitos, associando-os à visão de uma sociedade em mudança (Moscovici, 1988).

---

<sup>11</sup> Leyens & Codol (1993) encaram a Teoria das Representações Sociais como uma tentativa de dar resposta às questões que separam a psicologia de outras ciências sociais. Aliás, a própria formulação da teoria surge no âmbito da psicologia social e da psicanálise.

A representação social é encarada, desde logo, como uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum (por oposição ao conhecimento científico), o qual é gerado a partir da comunicação, compreensão e domínio do ambiente social e material (experiências, ideologias, objetos, doutrinas ou estímulos) que rodeia cada indivíduo (Jodelet, 1984).

Na representação social “há sempre referência a um objecto”, com o qual é mantida uma “relação de simbolização e de interpretação”. No entanto, a representação não é “o reflexo puro e fiel do objecto, mas uma verdadeira construção mental” (Neto, 1998:440).

A sinalização de uma representação social depende incondicionalmente da identificação do sujeito social da mesma, isto é, da comunidade ou grupo que a sustenta ou das identidades sociais que lhe estão implícitas (Vala, 1993).

Aliás, a representação é social “no sentido em que é colectivamente produzida: as representações sociais são um produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, reflectindo a situação desse grupo, os seus projectos, problemas e estratégias” (Vala, 1997:357).

Importa notar que a base teórica em que se funda o conceito de representação social é a relação dialéctica criada pelos sujeitos entre as esferas individual e social, de tal forma que, na apropriação da realidade, o social e o exterior se internalizam no indivíduo (Rocha, 2014).

Em termos conceptuais, a representação social é um sistema de classificação e etiquetagem que regula a relação interpessoal e orienta e organiza os comportamentos dos indivíduos. É uma forma de conhecimento que permite a compreensão do mundo e serve como guia de ação, ao mesmo tempo que intervém na construção de identidades pessoais e sociais.

Moscovici (1961) refere que há dois processos que intervêm na formação das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação “diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade, isto é, se tornam expressões de uma realidade vista como natural” (Cabecinhas, 2004:6). Por seu lado, a ancoragem é o processo pelo qual o sujeito transforma o que é estranho (acontecimentos, ideias, objetos, relações) em familiar, ou seja, dá significado ao objeto da representação com base em conceitos sociais preexistentes (Farr, 2009).

## 3. Metodologia

---

### 3.1 A escolha do método de investigação

O poeta inglês William Blake escreveu na sua obra *All Religions Are One*: “As the true method of knowledge is experiment, the true faculty of knowing must be the faculty which experiences” (1788). Para obter o conhecimento de que nos fala Blake é preciso recorrer a um método de base empírico-analítica que nos conduza a “seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias” (Descartes, 1981: 19).

Este trabalho assenta na análise de uma realidade social complexa – a sexualidade dos adultos maiores de 55 anos – através de relatos fornecidos pelos próprios inquiridos. Importa, pois, definir os meios de investigação científica mais adequados para confirmar a nossa questão: Que alterações ocorreram nas representações e práticas sexuais dos indivíduos de 55 e mais anos, tomando por referência o período imediatamente anterior ao 25 de abril de 1974 e a atualidade? Tendo presente a temática e os objetivos deste trabalho, perfeitamente intrincado na área das ciências sociais, entendemos que o método de investigação qualitativa é o que melhor responde às necessidades do mesmo, pois quem o adota “está preocupado com uma compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. (...) [O investigador] observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los” (Fortin, 1999:22).

Na investigação qualitativa, a intersubjetividade marca a relação entre o sujeito (investigador) e o objeto de estudo. “O sujeito produtor de conhecimentos está, enquanto ser humano, ligado ao seu objecto e o objecto, igualmente um sujeito humano, é dotado de um saber e de uma experiência que se lhe reconhece” (Fortin, 1999:148). Cremos, por isso, existir neste método uma relação de quase paridade entre o investigador e o seu objeto, dado que ambos são fulcrais para a representação e interpretação da realidade social.

Conforme refere Berg (2004:3), “Qualitative research, thus, refers to the meanings, concepts, definitions, characteristics, metaphors, symbols and descriptions of things.” Serrano, por seu lado, entende a investigação qualitativa “como um processo activo, sistemático e rigoroso de indagação dirigida, na qual se tomam decisões sobre o investigável, estando no campo do objecto de estudo” (2011:328).

Este método de investigação condensa cinco características essenciais: o ambiente natural é a fonte direta dos dados; a investigação é descritiva; o processo pode sobrepor-se aos resultados; os dados são analisados de forma indutiva; o significado tem uma importância fundamental (Bogdan & Biklen, 1994:47-50).

“Todas as investigações qualitativas tendem a fazer ressaltar o sentido ou a significação que o fenómeno estudado reveste para os indivíduos.” (Fortin, 2009:31)

Os resultados da investigação assentam, portanto, em conceitos subjetivos de interpretação e atribuição de significado a uma determinada realidade, decorrentes da apreensão e representação da mesma pelo investigador e pelos seus inquiridos.

Pelo exposto anteriormente, entendemos que a investigação qualitativa é um método aberto, no sentido em que não nos dá respostas concretas sobre uma realidade mas permite-nos, por outro lado, identificar tendências, essas sim reveladoras de um determinado resultado.

### **3.2. A aplicação do método**

No âmbito da investigação qualitativa, optámos por utilizar neste trabalho entrevistas semiestruturadas a cidadãos do sexo masculino e feminino, com idades superiores a 55 anos e residentes em território nacional. A escolha desta técnica assentou no facto da mesma oferecer a possibilidade de recolher dados não só objetivos (factos), mas também de carácter subjetivo (significados), tais como interjeições, códigos linguísticos e reações dos entrevistados. Sendo uma técnica de investigação muito mais flexível do que o simples questionário, consente uma maior aproximação entre o entrevistador e o entrevistado. Permite ao primeiro registar reações e orientar o discurso do segundo, aprofundando e colocando novas questões que se considerem mais relevantes para o tópico a investigar.

A sensibilidade da temática deste trabalho e o intuito de envolver os inquiridos no tema foi um fator igualmente determinante para a seleção da técnica de entrevista, sobretudo porque se pretendia registar as suas impressões e opiniões.

“The interview is an especially effective method of collecting information for certain types of research questions and (...) for addressing certain types of assumptions. Particularly when investigators are interested in understanding the perceptions of participants or learning how participants come to attach certain meanings to phenomena or events, interviewing provides a useful means of access (Taylor & Bogdan, 1998:98; apud Berg, 2004:83)

Das várias tipologias de entrevistas existentes, optámos por fazer entrevistas semi-estruturadas, pois como refere Berg (2004:80-81) “this type of interview involves the implementation of a number of predetermined questions and special topics. These questions are typically asked of each interviewee in a systematic and consistent order, but the interviewers are allowed freedom to digress; that is, the interviewers are permitted (in fact, expected) to probe far beyond the answers to their prepared standardized questions”.

Foi elaborado um guião, composto por 15 perguntas, que procurava questionar os entrevistados sobre diversos assuntos relacionados com o tema deste trabalho. Desde a representação que fazem do 25 de abril de 1974, como momento de mudança de costumes e mentalidades, até às questões ligadas à emancipação da mulher, passando pela forma como encaram a sua própria sexualidade e a importância que tem nas suas vidas, além de tentar perceber a imagem que os inquiridos têm da sexualidade depois dos 55 anos e dos fatores que a podem condicionar.

O guião foi redigido com perguntas simples e diretas, formuladas de modo perceptível e com uma linguagem clara e adequada, no sentido de permitir respostas mais desenvolvidas e uma constante interação com os entrevistados, tentando assim recolher o máximo de informação. A delicadeza do tema obrigou a algum cuidado na formulação das questões, evitando que os inquiridos ficassem demasiado condicionados ou apresentassem respostas muito telegráficas, pobres em informação e não consentâneas com o objeto de estudo.

No entanto, e tratando-se de entrevistas semiestruturadas, foi possível introduzir novas questões decorrentes dos diálogos mantidos com os entrevistados e que ajudaram a traçar melhor o retrato dos mesmos.

A ordenação das questões do guião seguiu um modelo previamente definido, com base numa abordagem do geral para o particular. Optámos por iniciar a entrevista com perguntas mais genéricas sobre as possíveis mudanças operadas pela Revolução do 25 de abril de 1974, sobretudo ao nível da prática da sexualidade, passando de seguida para as questões mais pessoais sobre essa mesma prática e que envolvem um maior grau de intimidade do entrevistado.

Dado que o público-alvo destas entrevistas era a população portuguesa com mais de 55 anos, tornou-se evidente que, devido à idade do entrevistador (39 anos), a barreira geracional entre ambos poderia afetar/condicionar as entrevistas. Por isso, redobrou-se a atenção para a necessidade de uma boa preparação do inquiridor no sentido de dominar aspetos e fenómenos que à partida lhe poderiam ser desconhecidos.



“Becker and Geer (1957:28-29) note the seriousness of knowing the language of the interviewee both in order to ask understandable questions and to interpret correctly what the interviewee says in response”. (Berg, 2004:88)

Entendeu-se também fundamental estabelecer uma conversa preliminar com o entrevistado para fomentar a empatia com o tema e assegurar a importância da investigação.

As entrevistas foram conduzidas de modo presencial, por se concluir ser esta a melhor forma de se obter respostas mais completas e consonantes com o objetivo geral do estudo. A interação com o entrevistado é fundamental para ganhar a sua confiança e, sobretudo, para obter respostas mais honestas e sustentadas. É importante que o entrevistado percecionasse a validade e honestidade do trabalho, através de um contacto direto com quem o conduz.

A escolha do público-alvo assentou na chamada técnica ‘bola de neve’, que Vogt (1999) explica como: “A technique for finding research subjects. One subject gives the researcher the name of another subject, who in turn provides the name of a third, and so on.”

Assim, foi solicitado aos entrevistados previamente selecionados que sugerissem outros entrevistados que correspondessem ao perfil definido e que estivessem na disposição de tomar parte no mesmo estudo. Foram vários os casos em que certos inquiridos sugeriram outros, o que acabou por facilitar a condução do nosso trabalho.

A escolha do local das entrevistas não obedeceu a nenhum critério específico, sendo que a maioria delas decorreu na residência dos entrevistados ou em lugares sugeridos por estes.

O facto de o tema ser delicado e muito ligado ao foro íntimo poderia levar os inquiridos do sexo feminino a alguma retração, pois o entrevistador era um indivíduo do sexo masculino. Esta situação não se revelou, contudo, um obstáculo pois foram explicados devidamente, e na nossa opinião entendidos pelos inquiridos, os propósitos da entrevista, o destino a dar a toda a informação recolhida e assegurado o anonimato dos participantes.

Em termos de caracterização dos participantes foram somente solicitados elementos genéricos como a idade, sexo, habilitações literárias, religião, atividade profissional e estado civil. Estes dados permitiram associar as representações sociais sobre a sexualidade às características sociodemográficas dos indivíduos.

As entrevistas decorreram, de maneira geral, conforme o planeado, apesar de em algumas respostas, sobretudo de indivíduos do sexo masculino, termos percecionado uma certa insistência em abordar questões ligadas ao sexo coital. Isso mesmo será avaliado mais adiante neste trabalho mas vem, de certo modo, realçar a necessidade que alguns homens ainda sentem de demonstrar e validar a sua masculinidade.

Após a realização das entrevistas, e coligidos todos os dados, seguiu-se a análise de conteúdo da informação, apoiada no programa Maxqda, uma ferramenta útil que permitiu tratar a informação, estabelecendo padrões entre as respostas dos entrevistados e procurando traçar um quadro geral favorável à consecução dos objetivos do trabalho.

### 3.3. Caracterização do público-alvo

Foram entrevistados 22 cidadãos (10 homens e 12 mulheres), de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 55 e os 67 anos. Destes, 13 eram casados, seis divorciados e três viúvos. A larga maioria (19) professa a religião católica, sendo que dois se declararam agnósticos e um ateu.

As habilitações literárias deste grupo variam bastante. Dois dos entrevistados têm a 4.<sup>a</sup> classe e cinco o 9.<sup>o</sup> ano. Há ainda a registar seis indivíduos que completaram o 12.<sup>o</sup> ano e nove com formação superior, entre bacharelato, licenciatura e doutoramento.

Relativamente à ocupação profissional, três dos 22 entrevistados estão em situação de reforma e todos os outros mantêm-se no ativo. A área dos serviços (sector terciário) absorve a larga maioria dos que ainda trabalham, o que está em linha com a caracterização do emprego da sociedade portuguesa (Lains et al., 2011).

E	Idade	Sexo	Habilitações Literárias	Religião	Atividade Profissional	Estado Civil
1	58	M	9. <sup>o</sup> Ano	Ateu	Empresário	Viúvo
2	55	F	12. <sup>o</sup> ano	Católica	Administrativa	Casada
3	66	F	Bacharel	Católica	Professora - Aposentada	Casada
4	66	F	9. <sup>o</sup> Ano	Católica	Reformada	Viúva
5	55	M	Licenciatura	Católico	Professor	Casado
6	55	M	Doutoramento e agregação	Agnóstico	Professor Universitário	Casado
7	56	M	4. <sup>a</sup> classe	Católico	Agricultor	Casado
8	67	F	Ensino Superior	Católica	Professora	Divorciada
9	59	F	Licenciatura	Católica	Jornalista	Divorciada
10	58	F	9. <sup>o</sup> Ano	Católica	Técnica de Cobranças	Divorciada
11	67	F	12. <sup>o</sup> ano	Católica	Bancária aposentada	Divorciada
12	55	M	12. <sup>o</sup> ano	Católico	Designer gráfico	Divorciado
13	56	M	Licenciatura	Católico	Empregado de balcão	Casado
14	60	M	9. <sup>o</sup> Ano	Católico	Gestor	Casado
15	60	F	12. <sup>o</sup> ano	Católica	Jornalista	Divorciada
16	62	F	Licenciatura	Católica	Administrativa	Casada
17	57	M	12. <sup>o</sup> ano	Católico	Empresário	Casado

18	55	F	4.ª classe	Católica	Empregada de limpeza	Casada
19	55	M	Licenciatura	Agnóstico	Funcionário público	Viúvo
20	59	M	9.º Ano	Católico	Construtor civil	Casado
21	61	F	Licenciatura	Católica	Funcionária pública	Casada
22	61	F	12.º ano	Católica	Doméstica	Casada

**Tabela 1** Caracterização do público-alvo

Fonte: Entrevistas

## 4. Análise de resultados

---

### 4.1 Época de liberdade

O termo 'liberdade' está, em Portugal, intimamente associado à revolução despoletada a 25 de abril de 1974. Nos dias que se seguiram centenas de pessoas assomaram à porta de vários estabelecimentos prisionais gritando a palavra 'liberdade' e aguardando pela libertação de inúmeros presos políticos.

Mas o novo regime instaurado em abril de 1974 não concedeu apenas liberdade aos presos políticos. Todos os portugueses passaram a poder associar a liberdade a áreas da sua vida onde ela era praticamente inexistente: expressão/comunicação, religião, política, hábitos e costumes.

“O puro desencadeamento do acto que derrubou a ditadura provocou na sociedade portuguesa uma série de ondas de choque que movimentaram multidões em busca de novas formas de organização social, económica e política”. (Ferreira, 1994:105)

Portugal transformou-se num país novo, ao mesmo tempo que as bases do antigo regime se esboroavam. A polícia política (PIDE-DGS) foi extinta; a guerra no ultramar cessou; as antigas colónias tornaram-se independentes; os principais atores do Estado Novo desapareceram de cena; a Mocidade e a Legião Portuguesa foram abolidas; a censura prévia transformou-se numa memória; os tribunais plenários foram suprimidos e a organização corporativa dissolvida.

O velho Estado deu lugar a uma nova ordem político-institucional, assente em novas instituições e com um figurino totalmente diferente. Foram aprovadas leis sobre a liberdade de imprensa, o direito à greve e à liberdade sindical, as garantias do processo penal, a liberdade de reunião e associação, a liberdade de formação de partidos e o sufrágio universal (Medina, 1998).

A liberdade de imprensa permitiu, desde logo, o desaparecimento da censura prévia, pois até então todos os títulos informativos eram sujeitos a um processo de revisão dos conteúdos antes da sua publicação. Quando estes não estavam de acordo com os ditames do regime, o censor proibia a edição.

O aparecimento de inúmeros títulos de imprensa escrita, sobretudo de génese local, contribuiu para uma democratização do sector e abriu a porta a novos jornalistas, que insuflaram as redações de ideias diferentes e métodos de trabalho distintos.

Por seu lado, a criação e legalização de partidos políticos foi outra das grandes conquistas deste período. O Partido Comunista Português (PCP) saiu da clandestinidade, enquanto o Partido Socialista foi legalizado. Pouco depois surgiram o Partido Popular Democrático (hoje conhecido por PSD) e o Centro Democrático Social (CDS), além de mais duas dezenas de partidos como a União Democrática Popular (UDP), Aliança Operária Camponesa (AOP), Frente Socialista Popular (FSP), Movimento de Esquerda Socialista (MEP) ou o Partido de Unidade Popular (PUP).

À arena política assomaram novos protagonistas, muitos deles exilados no estrangeiro por questões políticas. Mário Soares e Álvaro Cunhal foram duas importantes figuras desta época que tentaram implementar muitas das ideias amadurecidas durante os seus anos de exílio em países mais abertos ao diálogo e à reflexão.

Os novos ideais políticos corriam céleres pelas ruas das principais cidades portuguesas e as paredes enchiam-se de mensagens e palavras de ordem, como se o país acordasse para realidades até então desconhecidas da maior parte da população. Sucediavam-se também os comícios populares e as sessões de esclarecimento. Enquanto na província os trabalhadores agrícolas tinham, pela primeira vez, a noção dos seus direitos profissionais, nas cidades industrializadas do litoral os operários lutavam por melhores condições de laboração.

Em 1975 decorreram as primeiras eleições livres e de sufrágio universal da história portuguesa. Homens e mulheres puderam escolher, em liberdade, os seus representantes e decidir sobre os destinos do seu país. O número de partidos que concorreram (12) representava também um recorde.

O papel da mulher na sociedade saiu claramente reforçado com o 25 de abril de 1974: “A cidadania feminina surgiu assim através de um processo anterior às próprias alterações legislativas. Ela consubstanciou-se na enorme participação das mulheres em todas as movimentações sociais: nos bairros, organizando-se em associações de moradores, ocupando casas para viver, construindo creches, reivindicando caminhos ou fontanários; nas campanhas de alfabetização; nas colectividades de cultura e recreio; nas ocupações de terras no Alentejo; nas comissões de base de saúde; nas empresas, lutando pelo direito ao emprego, gerindo fábricas abandonadas pelos patrões; nos sindicatos, reivindicando salário igual para trabalho igual”. (Tavares, 2003:62)

A igualdade entre homens e mulheres ganhava significado e materializava-se numa série de alterações legislativas, como a aprovação da lei do divórcio, a fixação do salário mínimo, a criação do subsídio de desemprego e da licença de maternidade de 90 dias (Ferreira, 2010).

O aborto, que era até então um tema proibido, passou a ser discutido com maior abertura, o que terá contribuído para a sua despenalização, em casos específicos, durante a década de 1980. Também as consultas de planeamento familiar passaram a estar disponíveis a uma grande fatia da população, sobretudo aos mais jovens, permitindo que estes tomassem consciência de questões importantes como os métodos contraceptivos (Alão, 1992).

Abriu-se a porta para uma verdadeira revolução das mentalidades, fomentada em grande medida pelos meios de comunicação. A televisão teve um papel fundamental, através da emissão de um conjunto de programas que mostraram à população realidades distintas e incutiram o desejo de mudança. A estreia da telenovela brasileira *Gabriela, cravo e canela*, em 1977, foi um excelente exemplo, provocando uma verdadeira onda de loucura entre a população, que se via confrontada, pela primeira vez, com diversos temas tabus como a sexualidade ou a prostituição. No cinema, chegavam a Portugal filmes proibidos pela censura durante anos, como *O Último Tango em Paris*, cuja curiosidade popular originou enormes filas à porta das salas de projeção cinematográfica (Aboim, 2013). Além disso, foi autorizada a exibição de películas pornográficas em locais específicos.

A sexualidade assomava ao espaço mediático, surgindo diversas revistas que abordavam questões sensíveis a homens e mulheres. O sucesso da revista *Maria* foi um bom exemplo disso mesmo, uma vez que esta publicação deu voz às preocupações de grandes faixas das ditas classes populares. Até então, as revistas femininas limitavam-se a preparar as mulheres para serem boas donas de casa e orientarem a sua vida de acordo com as normas sociais da tradição e dos bons costumes. Estas novas revistas quebravam essa lógica e abriam espaço para temas tabu (Ferreira & Barreira, 1994).

Importa sublinhar, tal como referiu Medeiros Ferreira, que neste período “os espaços de sociabilidade alteraram-se, mudaram os valores morais e estéticos. Afirmaram-se profissões novas, introduziram-se no país novas correntes filosóficas sem constrangimentos, acentuou-se e difundiu-se o gosto pela cultura anglo-saxónica, quer na música e no cinema, quer na leitura de revistas e livros” (Ferreira, 1994:166).

Embora Portugal fosse “um jardim de folhagem frágil, brilhante e emaranhada” (Maxwell, 1999:79), não deixa de ser sintomática a importância de todas estas transformações para o desenvolvimento futuro do país e para a sua abertura à Europa, consubstanciada com a adesão, em 1986, à Comunidade Económica Europeia (CEE).

## 4.2. Processo de mudança

O ponto de partida das entrevistas realizadas para este trabalho de investigação estabelecia a revolução de 1974 como um momento de viragem entre um passado mais repressivo e uma nova era de liberdade, em que se operou uma mudança de mentalidades na sociedade portuguesa.

Os entrevistados validaram esse processo de mudança, sendo que um deles fez notar que se “foi do 8 ao 80. Tudo passou a poder ser discutido” (homem, 55 anos, casado). Temas como “a sexualidade, o nascimento, a infidelidade, a infertilidade, a homossexualidade, o controlo de nascimentos” (mulher, 66 anos, casada) emergiram à superfície, “mas também os livros, o cinema, tudo isto passou a ser debatido quando anteriormente estes debates eram fortemente cortados por não ser possível controlar o que as pessoas diziam” (mulher, 59 anos, divorciada). Se na esfera pública, estes assuntos eram totalmente proibidos, na esfera privada a situação não era tão castradora, pelo menos para alguns dos entrevistados: “Fazíamos as coisas na mesma, só que às escondidas. A partir daqui, pudemos fazer as coisas às claras”. (mulher, 58 anos, divorciada).

Foram poucos os inquiridos que assinalaram este espírito transgressor numa esfera mais íntima<sup>12</sup>. Até abril de 1974, e apesar do desejo de mudança que começava a nascer nas classes mais jovens, as regras e normas vigentes eram para cumprir escrupulosamente. A sociedade exercia grande pressão sobre a observância dos costumes e, no seio familiar, a repressão comportamental era enorme, sobretudo no caso das mulheres.

Mas o desejo de mudança germinava já na mente de muitos jovens e o conflito era latente nalguns quadrantes da sociedade. Como refere Sardica (2011:66), “era um conflito cultural, social e de mentalidades, que colocava frente a frente, um sistema político e institucional imóvel e uma sociedade em mudança, mais rica, culta, viajada, jovem, exigente e liberal”.

A década de 1960, por exemplo, trouxe pequenas transformações sociais, nomeadamente no que respeita ao acesso das mulheres ao mercado de trabalho e às profissões liberais. Além disso, “a sociedade foi obrigada a tolerar alguma abertura ao exterior que, sem chegar a

---

<sup>12</sup> Há um dado importante que demonstra um certo espírito transgressor, em matéria de sexualidade, da sociedade portuguesa nos tempos do Estado Novo. O elevado número de filhos ilegítimos registado em Portugal, a partir da década de 1930, contraria o discurso oficial que apresentava a sexualidade como decorrente do matrimónio e apenas por ele validada (Pimentel, 1999).

acompanhar as tendências europeias e as liberdades reivindicadas com o Maio de 68, também não travou a entrada, lenta mas insistente, da modernidade” (Aboim, 2011:95-96).

A revolução tudo mudou, mas não imediatamente. Os inquiridos concordaram, por exemplo, que a revolução de mentalidades não foi imediata e que nem tudo foi logo aceite nem discutido. “A mudança não foi automática. Houve um período inicial de euforia, em que achávamos que tudo era possível, seguida de um regresso à normalidade. Só depois começaram a operar-se as grandes mudanças. As mentalidades não se mudam por decreto. É um caminho longo e que leva tempo” (mulher, 67 anos, divorciada).

### **4.3 Igualdade de género**

Em linha com o que foi referido anteriormente, a igualdade de género foi um tema que alguns dos entrevistados associaram à revolução de 25 de abril de 1974. Essa igualdade só ficou consagrada em lei pela Constituição de 1976<sup>13</sup>, que abriu caminho a mudanças profundas no papel da mulher na sociedade portuguesa (Aboim, 2008; Almeida & Wall, 2001; Wall, 2000).

Com este diploma legal, a mulher viu serem-lhe reconhecidos vários direitos até então vedados, permitindo-lhe adquirir uma posição igualitária perante o homem e relegar a subalternidade a que esteve sempre sujeita. Refira-se a igualdade de direitos e deveres dos cônjuges no casamento, a proteção da maternidade e os direitos relativos à saúde e segurança social, bem como a igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e à progressão profissional.

“(…) as estimativas existentes permitem verificar que foi neste período que as mulheres foram definitivamente integradas na população activa empregada. Em 1960, as mulheres não deveriam representar mais de 20 a 25 por cento do total.” (Barreto, 2005:147)

As informações veiculadas pelos inquiridos neste estudo suportam inteiramente esta visão de maior abertura da sociedade a um papel ativo da mulher em todos os quadrantes da vida quotidiana. “O papel da mulher na sociedade mudou da noite para o dia. Até ao 25 de abril, o lugar da mulher era em casa, a tratar dos filhos e do lar. Nem podíamos votar. A nossa opinião não contava para quase nada” (mulher, 61 anos, casada).

---

<sup>13</sup> O artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa de 1976 consagrava o princípio da igualdade: “Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” e “ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social”.



A emancipação da mulher tornou-se uma realidade, contrastando assim com a repressão de outrora: “As mulheres até ao 25 de abril eram bastante reprimidas: não podiam falar, não podiam fazer nada e a partir daí começaram a poder igualar-se aos homens. Mesmo na parte sexual, houve mudanças. Antigamente era assim: as mulheres não sabiam sequer o que era o sexo”. (mulher, 60 anos, divorciada).

A maioria das mulheres ignoravam e temiam inclusivamente a sexualidade, pois desconheciam o próprio corpo e a prática sexual antes do casamento, fechadas que estavam num mundo de secretismos e tabus (Alão, 1990; Policarpo, 2011).

#### **4.4 Moral castradora**

A sociedade vivia, antes de 1974, sob o apertado jugo de uma moral castradora, que remetia ao silêncio questões básicas do foro biológico: “[Era] um tempo em que não se falava de menstruação ou menopausa, em homossexualidade, etc. E em que uma menina que estivesse menstruada quase não saía de casa, nem devia tomar banho ou comer determinados alimentos e ninguém falava. Ou uma mulher que estava na menopausa, até do marido escondia o facto porque, supostamente, a sua vida sexual acabava ali” (mulher, 59 anos, divorciada).

A repressão da sexualidade era a norma e o tema não saía da esfera privada. O sexo era entendido como algo sagrado e cuja finalidade era muito orientada para a procriação. Associar sexo e prazer não se coadunava com a moral corrente e a prática sexual só era aceite após o casamento: “Lembro-me que quando namorava e havia algum contacto mais íntimo com o nosso companheiro – as brincadeiras entre namorados – vinha para casa com um mal-estar psicológico por achar que tinha feito alguma coisa que não estava correta. Era muito inocente e tinha muito medo de desiludir os meus pais com algum comportamento menos adequado. Os meus pais eram bastante severos ao nível da tradição e dos costumes. E eu queria ir virgem para o casamento” (mulher, 67 anos, divorciada).

Todavia, é de sublinhar uma informação veiculada por muitos dos entrevistados, que admitiram terem acesso, entre amigos, a alguns conteúdos então proibidos: “No meu grupo de amigos, havia quem conseguisse arranjar um filme pornográfico no formato 8mm e depois fazia-se uma sessão na casa de um deles. Era tudo às escondidas e nem os nossos pais sonhavam que fazíamos aquilo” (homem, 56 anos, divorciado).

## **4.5 Cultura e sexualidade**

Portugal vivia sob o signo da repressão sexual antes da revolução de 1974. O sexo era tema tabu nos meios de comunicação social e a censura impedia que no cinema e na literatura existissem quaisquer referências, por mais veladas que fossem, a esta temática.

No pós-revolução o sexo passa a ser um tema discutido publicamente e objeto de atenção mediática, acessível por via de bens culturais e livre da censura política do regime passado (Ferreira & Barreira, 1994; Policarpo, 2011).

Não deixa de ser sintomático que, nesta altura, o filme com mais sucesso nas salas de cinema portuguesas fosse um de cariz erótico, O Último Tango em Paris. O carácter subversivo do filme e a exploração de um tema até aí proibido na sociedade portuguesa terá contribuído para esse êxito. A maioria dos entrevistados concorda que o filme personificava uma ideia de libertação, de quebra dos grilhões relativamente a uma “conceção arcaica da sexualidade e demasiado dominada pela influência da Igreja Católica sobre uma população vastamente ignorante e analfabeta” (homem, 55 anos, casado).

O apelo à transgressão movia os portugueses neste período. A liberdade ganhava um novo significado quando se entrava numa sala de cinema para ver um filme proibido até então: “Temas como a sexualidade e emancipação das mulheres eram tabus, [portanto] com a liberdade de imprensa que se adquiriu com o 25 de abril é normal que os portugueses buscassem algo que até então era proibido” (homem, 55 anos, casado).

## **4.6 A sexualidade no feminino**

As mulheres assumiram um novo papel ao nível da sexualidade, quebrando-se algumas barreiras que obstavam a uma vivência mais plena da sua vida sexual. “Antigamente era assim: as mulheres não sabiam o que era o sexo e a partir de uma certa altura começaram a aprender e a saber. E acho que os homens também ficaram um bocadinho mais livres, mais à-vontade. Deixaram de ser tão machões” (mulher, 62 anos, casada).

Esta posição de subalternidade da mulher perante o sexo, por comparação com o papel do homem, é caucionada pela literatura que realça que a sexualidade era um privilégio e um direito

masculinos. Aos homens era permitido recorrer à prostituição antes e depois do casamento, muitas vezes como forma de iniciação sexual ou de obtenção de maior satisfação e prazer. Sujeitas aos cânones da igreja católica, as mulheres, pelo contrário, deviam permanecer puras até ao casamento e conhecer apenas o marido como parceiro sexual. Esta ideia de que a virgindade preservava a pureza da mulher até que se tornasse esposa e mãe, redundava numa enorme inexperience destas e pouca apetência para o ato sexual, sendo muitas vezes percebidas pelos maridos como frígidas e meros objetos sexuais. As necessidades das mulheres em termos de obtenção de satisfação ou prazer eram completamente relegadas, até pelas próprias, pelo facto de não conhecerem verdadeiramente o seu corpo e por não se sentirem à vontade para explorar melhor esse conhecimento com os maridos (Aboim, 2013; Cole, 1994; Diniz, 1994; Policarpo, 2011).

“As mulheres, reprimidas, intimidadas e inibidas, aguardavam com expectativa e medo a iniciação que as revelaria e lhes revelaria o prazer ou mesmo só o dever aos maridos. As inibições femininas relativas à sexualidade eram agravadas, tanto quanto as necessidades de envolvimentos emocional e erótico, de confiança física (para ser penetrada), de segurança (para participar activamente na relação sexual) eram frustradas e bloqueadas desde o início pela atitude ignorante do homem, que se exercia mecanicamente”. (Diniz, 1994:496)

Mas será que foi apenas a mudança de mentalidades que permitiu uma maior abertura relativamente à sexualidade? O painel de entrevistados deste trabalho apontou uma série de fatores que contribuíram para um maior conhecimento da população em relação à temática da sexualidade. A maior liberdade dos meios de comunicação, com a divulgação de novos conteúdos, e o acesso a obras culturais até então interditas ajudou neste contexto, a par de fatores educacionais como o aumento da escolaridade obrigatória e a consequente redução do analfabetismo.

A maior liberdade de escolha permitiu aos portugueses explorar novos assuntos e contactar com outras realidades. No caso das mulheres, as conversas entre amigas liberalizaram-se e começaram a ser abordados temas de foro mais íntimo: “Com as amigas começaram a discutir-se dúvidas e mitos sobre o corpo e sobre a sexualidade. Muitas tinham o sexo como algo diabólico” (mulher, 60 anos, divorciada).

A liberdade social gerada no pós-ditadura redundava igualmente numa maior liberdade individual, sobretudo para as mulheres. Estas, por via da aquisição de vários direitos (humanos, civis e sociais), tomaram consciência, como já observado, da importância dos seus direitos individuais, onde se inclui o exercício de uma sexualidade plena.

## 4.7 Representações e práticas da sexualidade na atualidade

Mais de quatro décadas passadas, como é que os jovens dessa altura encaram e experienciam hoje a sua sexualidade? As opiniões dos inquiridos dividem-se entre os que consideram que a sexualidade continua a ser um aspeto importante da sua vida e aqueles que admitem uma certa perda de importância. Se no primeiro grupo há quem admita que depois dos 55 anos começou “a atribuir-se maior importância à sexualidade” e que hoje “o sexo é muito mais gratificante do que durante a juventude”, já no segundo grupo, é notório um certo desencanto com a passagem dos anos e o envelhecimento do corpo. Na prática, a capacidade sexual parece estar muito associada à atratividade física e a questões de beleza (López e Fuertes, 1989). Uma das entrevistadas referiu que “o sexo continua a ser importante mas já não é tão importante como na juventude. A gente precisa, necessita, quer, mas a intensidade já não é a mesma. (...) As coisas são diferentes. Por exemplo, uma mulher fica com o corpo diferente. A mulher quando é nova e esbelta, sabe que agrada e só isso é sexy e apela à sexualidade. Mas a partir de uma certa altura, o teu corpo não está como era. Tu própria deixas quase de ter interesse para ti própria. No caso de ter alguém, sinto-me bem porque agrado a esse alguém, mas sei que já não agrado à sociedade. Tenho quase 60 anos e sinto isso. É essa parte que tira um bocadinho a intensidade. Digam o que disserem, isso sucede. Eu, por exemplo, sinto muito essa diferença de quando era nova – quando era nova era muito vistosa, toda a gente se metia comigo mas agora já ninguém me liga. Há um piropo ou outro mas mais por simpatia do que por outra coisa qualquer” (mulher, 58 anos, divorciada).

No caso dos homens, essa frustração também é evidente: “Quando era mais novo, o sexo era mais importante para mim. Hoje, as coisas são diferentes. Antigamente, dava muita importância à sexualidade. Porquê? Porque estava na nossa génese. Na altura, um gajo era mais novo, mais giro e mais bonito e tinha mais facilidade em fazer sexo. Hoje as coisas são um bocadinho diferentes. Como se costuma dizer, antigamente era sexo, sexo, futebol. E hoje em dia é futebol, futebol, sexo” (homem, 59 anos, casado).

Estas representações invocadas por alguns dos entrevistados entroncam na bibliografia existente, que associa a sexualidade a uma cultura moral baseada num modelo reprodutivo e na

valorização da beleza física, normalmente ligada à juventude (Hillman & Stricker, 1994; Levy, 1994).

“Este [mito da beleza física jovem] fomenta os sentimentos de profunda culpabilidade, e de vergonha e de baixa auto-imagem nas pessoas que não encaixam nesse padrão dificultando, conseqüentemente, as suas relações interpessoais. Este mito é favorecido pela publicidade que vende uma imagem da sexualidade como privilégio único e exclusivo da juventude”. (Lima, 2006:94)

Embora pareça prevalecer esta imagem negativa associada à sexualidade dos adultos com mais de 55 anos, é de assinalar a visão satisfatória assumida por alguns inquiridos sobre a representação da sua prática sexual, conforme assinalado anteriormente. Dantas (2002) refere que o sexo nestas idades comporta dimensões relevantes como a satisfação física, o reforço da identidade e do valor individual e o estímulo para explorar diferentes vertentes da sexualidade onde o amor e o afeto assumem papel de destaque.

#### **4.8 Qualidade em detrimento da quantidade**

Todos parecem concordar que a sexualidade é algo inato ao ser humano e que contribui para uma vida mais feliz, ainda que a experiência sexual tenda a sofrer transformações entre a juventude e a vida adulta, onde a preocupação assenta mais nas carícias e no toque do que propriamente no coito: “Quando era jovem sentia maior necessidade, agora o amor, a amizade, as carícias contam de igual modo” (mulher, 66 anos, casada). Ainda assim, alguns dos entrevistados masculinos continuam a atribuir grande importância ao coito, o que já não é tão visível no caso das mulheres. “Um homem tem aquela obrigação de estar pronto e de satisfazer a sua companheira. Não podemos ir abaixo no momento da verdade” (homem, 56 anos, casado).

Quando questionados sobre o que é uma vida sexual satisfatória, quase todos colocaram a tónica na satisfação mútua e na importância do amor. Parece variar apenas a forma como é manifestada essa satisfação: “Eu estou satisfeita quando sinto que alguém faz amor comigo. Ponto final!” (mulher, 55 anos, casada).

A qualidade em detrimento da quantidade é a ideia basilar da satisfação sexual dos entrevistados: “Sinto-me satisfeita quando estou em comunhão com o outro. Quando a entrega é total de ambos os lados. Mais do que a quantidade, o que importa é a qualidade e, nesta fase da

minha vida, a qualidade é muito maior porque não existe pressão nenhuma associada ao sexo. É fazer amor para desfrutar do momento” (mulher, 67 anos, divorciada).

Há, aliás, aqui um ponto que importa chamar à atenção e que se liga com a ideia de que a menopausa funciona como momento libertador para muitas mulheres, por desaparecer o receio da gravidez. Numa questão colocada aos indivíduos que compunham a nossa amostra sobre se a menopausa/andropausa alterava a forma como viviam a sua sexualidade, uma grande percentagem concordou nessa mudança, apesar de nem todos convergirem na análise dos seus efeitos. Desde logo, houve quem afiançasse esse momento de libertação, afirmando que “as alterações, a existirem de facto, decorrem de uma maior liberdade da mulher que, em determinada altura, se sente livre da «carga» dos anticoncecionais” (mulher, 62 anos, casada). Mas, por outro lado, há os que veem a menopausa como causadora da “alteração do nível de interesse, do estado de saúde, da motivação para viver uma boa sexualidade” (mulher, 61 anos, casada).

A consulta bibliográfica efetuada amplifica esta dualidade de opiniões. Por um lado, confirma-se que as alterações hormonais (redução dos níveis de estrogénio) e fisiológicas registadas com a menopausa podem ser condicionantes, e muitas vezes limitadoras da prática sexual das mulheres, aliadas a outros fatores de ordem física resultantes do envelhecimento (Carvalho & Santo, 2014; Lindau et al., 2007; Morley, 2003; Whitbourne, 2005). Mas a literatura apresenta também uma visão contrária. A menopausa não é, para muitas mulheres, causadora do declínio da sua atividade sexual, notando-se não raras vezes uma maior predisposição para a mesma, decorrente da libertação do risco de uma gravidez e do uso de métodos contraceptivos. As mulheres acima dos 55 anos tendem, por isso, a viver uma sexualidade mais descontraída e a desfrutar mais do ato sexual nesta fase da vida. Quando tal não acontece, verifica-se que as causas são muito mais do foro psicológico do que físico (DeLamater & Sill, 2005; Steinke, 1997; Tordjman, 1977).

No caso masculino, não se regista uma associação tão linear entre a andropausa e o declínio da apetência para a sexualidade, embora os estudos indiquem “indubitavelmente que há uma diminuição da atividade sexual do homem ao longo do envelhecimento” (Gomes, 1978:3).

#### **4.9 Discutir a vida sexual**

A discussão da vida sexual com terceiros (médicos, companheiros ou amigos) não é consensual entre os inquiridos. Há quem admita fazê-lo com naturalidade mas também os que se inibem. As respostas vogam entre aqueles que sublinham que “não me exponho” (mulher, 66 anos, viúva) e “não falo com ninguém, porque não sinto essa necessidade” (homem, 61 anos, casado) e aqueles que, ao invés, dizem: “Falo abertamente, quer com colegas de trabalho, quer com os amigos” (homem, 55 anos, divorciado).

Cruzando as respostas com as habilitações literárias dos entrevistados, é possível notar que quanto maior o grau de educação maior é a abertura para partilhar as suas impressões sexuais com outras pessoas. Parece haver uma associação neste ponto em concreto, a que deve ligar-se a educação rígida que muitos destes indivíduos tiveram e os meios castradores em que cresceram (Dantas, 2002; Vasconcellos et al., 2004;), subjugados a uma moral católica muito opressora e dominante. Importa lembrar que quase todos viveram parte da sua juventude sob um regime ditatorial onde a sexualidade era fortemente reprimida e consentida apenas para a procriação, o que certamente condicionará a abertura que poderiam ter para discutir este tópico com terceiros.

Esta questão assume especial relevância quando a necessidade de discussão do tema está relacionada com questões do foro clínico e os indivíduos se inibem de expor o seu problema ao técnico de saúde por vergonha ou preconceito.

“Another barrier regarding sexual behavior in the elderly stems from a lack of openness regarding the topic. Many older adults are hesitant to discuss this topic with their spouse/partner or doctor. This becomes especially problematic when an individual is experiencing problems related to sexual behavior. They may be uncomfortable discussing the issues they are having, and physicians may not think to ask about sexual behaviors.” (Kline, s.d.:8)

Não surpreende, portanto, que a maioria dos entrevistados se coíba também de procurar informações sobre temas ligados à sexualidade, ainda que alguns sublinhem que gostam de se manter informados.

A bibliografia disponível ajuda-nos a ler alguns destes resultados, notando que este aparente desinteresse pode estar relacionado com um certo preconceito e atitude persecutória da sociedade, que tende a associar um comportamento desviante e de depravação aos cidadãos, desta faixa etária, que verbalizam a sua sexualidade (Drench & Losee, 1996; Griffiths, 1988).

A relação positiva entre uma pesquisa proativa e um maior conhecimento por parte destes indivíduos sobre as temáticas da sexualidade tem sido apontado, todavia, por alguns autores

como potenciadora de uma atitude aberta e uma prática mais satisfatória da sexualidade na fase mais madura da vida (White & Catania, 1982).

#### **4.10 Representações sociais sobre a sexualidade depois dos 55 anos**

Quando inquiridos sobre a forma como a sociedade avalia a sexualidade dos indivíduos com mais de 55 anos, os entrevistados recorrem a termos verbais como “recrimina”, “ultrapassada”, “acabar”, sintomáticos de uma visão negativa que é transversal às várias opiniões recolhidas neste estudo.

A sociedade continua a manter uma visão bastante negativa da sexualidade na velhice. Isso mesmo transparece na opinião da maioria dos entrevistados, que lamentam essa “visão retrógrada” (mulher, 55 anos, casada) e se queixam de uma certa discriminação: “A sociedade acha que já não é idade para termos sexo. Se tiverem a minha idade, sabem que é normal. Agora, uma pessoa mais nova acha que eu já não devo fazer e que nem sequer preciso” (mulher, 58 anos, divorciada).

A ideia do ser assexuado que é imediatamente associada à população desta faixa etária, ganha força e segue uma corrente de pensamento já identificada por vários autores, como Gott & Hinchliff (2003), que, na abordagem deste estereótipo, identificaram reações negativas da sociedade como repulsa, vergonha e embaraço perante a prática sexual daqueles cidadãos.

Muita da literatura existente corrobora esta visão, acentuando diversos aspetos negativos:

“Nonetheless, our society gives elderly people strongly negative messages about their sexuality. They are seen as asexual, and are the butt of jokes and derogatory comments such as, 'He's a dirty old man'” (Cohen, 1984:619).

A discriminação parece começar muitas vezes no seio familiar, sobretudo com os filhos. Oito dos 22 entrevistados admitiram que os filhos não viam com bons olhos a atividade sexual dos pais e outros quatro assinalaram a recusa dos seus descendentes em discutir o tema: “O meu filho disse-me: «Oh mãe, eu sou teu filho! Não vamos falar dessas coisas, por favor»” (mulher, 55 anos, casada).

Além da recusa em debater, a visão que os filhos têm sobre a sexualidade dos pais é ainda muito condicionada pelos ditames culturais da própria sociedade: “Para o meu filho, a mãe dele acabou sexualmente. Nem sequer admite pensar o contrário” (mulher, 63 anos, casada).



A tendência de associar a sexualidade a padrões de juventude (corpo firme, pele suave), tão presente na cultura ocidental e promovida pela comunicação social, tem influência nas pessoas levando-as a ter uma atitude negativa perante a sexualidade dos mais velhos. A sociedade entende os relacionamentos sexuais como comportamentos exclusivos dos jovens e das pessoas fisicamente atraentes (Adams et al., 1990; López e Fuertes, 1989).

(...) society still perceives older people without sexual needs or incapable of sexual activity. For that reason elderly suppress their sexual needs and start to behave in accordance with these beliefs (Rebec et al., 2015:189).

A ideia de que os mais velhos também possam manter uma vida sexualmente ativa não é bem aceite cultural e socialmente e o tema tende, por norma, a ser ignorado. A verdade é que, conforme a idade vai avançando, os preconceitos tornam-se mais evidentes em todas as esferas da vida e, principalmente, na que diz respeito à sexualidade.

#### **4.11 Representações sociais dos indivíduos sobre a sua própria sexualidade**

Não deixa de ser curioso notar que o preconceito também existe entre os próprios indivíduos com mais de 55 anos, o que reforça a visão do idoso como ser assexuado (Brown, 1989; Walz, 2002). Os inquiridos não esconderam algum incómodo relativamente à situação e admitiram, nalguns casos, ser críticos de certas manifestações públicas de afeto entre pessoas da sua faixa etária: “Tenho de admitir que isso me faz também confusão. Não me imagino – como os miúdos – a estar agarrada a um homem e a trocar beijos na rua. Acho que não fica bem. Publicamente, acho que às pessoas mais idosas não lhes fica bem essa troca de carícias” (mulher, 58 anos, divorciada).

Em sentido inverso, houve quem admitisse: “Há lá quadro mais belo do que ver dois idosos de mão dada?” (mulher, 59 anos, divorciada).

É um debate em aberto na literatura a forma como estes indivíduos percecionam e aceitam a sua sexualidade. No entanto, a maioria dos autores aponta para que a atitude destas pessoas perante a sua própria sexualidade, ou pelo menos a expressão pública da mesma, seja maioritariamente negativa. Para tal muito parecem contribuir os aspetos ligados ao envelhecimento, como o declínio da beleza (de acordo com os padrões dominantes), a perceção

de uma certa debilidade física e motora, o surgimento de doenças mais ou menos incapacitantes, entre outros (Brogan, 1996).

Neste particular, a atitude das mulheres destaca-se como mais negativa do que a dos homens, resultante da dificuldade que estas parecem ter para lidar com as alterações que ocorrem no seu corpo à medida que envelhecem.

“As mulheres são as que mais sofrem preconceitos, pois são avaliadas pela sua aparência externa e pela capacidade reprodutiva. O corpo da idosa, além de não mais fecundo e produtivo, perante a sociedade é feio e assexuado. Isso faz com ela se feche e não expresse [a] sua sexualidade.” (Frugoli & Magalhães-Júnior, 2011:86)

Mas em ambos os sexos se denota um generalizado sentimento de anormalidade e vergonha perante a assunção dos desejos e da prática sexual. A pressão da sociedade para a ideia do idoso assexuado é de tal prevalência que leva os próprios a reprimirem as suas necessidades sexuais e a assumi-las como algo impróprio ou até mesmo desviante (Fischman & Damrosch, 1985).

“Compreende-se que certas pessoas de idade sofram perante esta opinião, tanto mais se a fazem sua: recriminam-se e menosprezam-se; reprovam a continuação dos seus ardores; acham-se ridículos durante o acto, o que provoca crises de ansiedade com culpabilização e escrúpulos mórbidos e consequente recusa da genitalidade e a procura de diversos substitutos, por vezes perigosos.” (Bize & Vallier, 1983:80).

A sexualidade, além de ser um direito, é uma necessidade humana que alguns autores consideram estar a ser cerceada a esta faixa etária, em particular, com um consentimento tácito dos próprios. (Gomes et al., 1987; Hartzell, 2005; Mixão e Borges, 2006)

Há ainda outros fatores que podem inibir a prática sexual dos indivíduos com mais de 55 anos. As questões físicas e a ocorrência de doenças surgem à cabeça, mas há também quem assinale a falta de amor, a ausência de companheiro, a falta de higiene ou os modos desajustados do parceiro. Importa reter, neste particular, o facto de alguns dos entrevistados do sexo masculino terem focado com certa insistência a falta de ereção, sem conseguirem precisar se esse problema decorreria de questões físicas ou psicológicas. No entanto, o nosso estudo aponta que o cerne dos fatores impeditivos para a prática sexual nos homens são as questões de ordem física, mais concretamente as doenças e a falta de ereção: “(...) muitas vezes, nós temos que esconder comprimidos para as podermos satisfazer, o que nem sempre é bom, sobretudo a longo prazo.” (homem, 59 anos, casado).

No sexo feminino, pelo contrário, os fatores de ordem física não são os que obtêm primazia no seu discurso, mas sim os de ordem psicossocial. Várias mulheres salientam a importância da

confiança no companheiro e da existência de amor para que se dê a ocorrência do ato sexual: “Não consigo ter sexo com quem não confio e por quem não sinta amor. O sexo é, em muitos casos, a materialização do amor.” (mulher, 60 anos, divorciada)

As questões de higiene e de educação também são focadas neste contexto: “Não suporto gente feia, mal cheirosa e arrogante, assim como mau ambiente, vulgaridade e obscenidade gratuita.” (mulher, 61 anos, casada)

Todos os aspetos sinalizados pelos entrevistados são focados na bibliografia existente sobre o tema. Nesta fase da vida, muitos destes indivíduos enfrentam o problema da falta de parceiro por morte do conjugue, ou por divórcio ou separação, o que diminui a possibilidade de exercerem plenamente o seu direito à sexualidade e pode, inclusive, conduzir ao desinteresse pela mesma (Lima, 2006; López e Fuertes, 1989; Starr, 1987).

No caso de certas mulheres, a menopausa é frequentemente utilizada para justificar a diminuição da atividade sexual por dois motivos: por um lado, ela ‘desobriga’ as mulheres que entendiam o sexo como uma obrigação conjugal daquilo que consideravam ser apenas um dever decorrente da sua fertilidade; por outro, ela representa uma redução da sua feminilidade, pelo facto de elas próprias considerarem que, pelas alterações fisiológicas que aquela comporta, já não estão sexualmente ativas. A menopausa é vista, em ambos os casos, como o sinal indicador do término da sua vida sexual (Cole, 1994; Farré & Salas, 2009).

Existe também a perceção por parte dos indivíduos com mais de 55 anos de que as questões de ordem fisiológica e clínica, associadas ao envelhecimento, são fatores que influenciam negativamente a sua prática sexual. No caso de surgirem doenças crónicas como a hipertensão, diabetes ou doenças cardiovasculares, a resposta sexual pode sofrer uma considerável perda de qualidade ou até mesmo redundar em incapacidade (Hillman, 2008; Schiavi, 1999). Mas estas limitações não devem ser associadas exclusivamente a esta faixa etária, pois algumas destas doenças podem surgir em qualquer idade. Vários estudos sustentam, aliás, que “raramente o equipamento sexual se deteriora no envelhecimento normal, impedindo os adultos maduros de permanecer sexualmente ativos enquanto tiverem saúde” (Vasconcellos et al., 2004:414).

Na literatura existem ainda referências ao facto de o decréscimo da atividade sexual poder estar ligado a uma monotonia do próprio ato sexual derivada de um relacionamento duradouro em que, por vezes, o grau de satisfação tende a perder importância. Há, inclusive, casais que consideram muito natural a redução da prática sexual à medida que vão envelhecendo (Tordjman, 1977).

#### **4.12 Sexualidade permitida apenas aos jovens**

O consentimento tácito dos indivíduos com mais de 55 anos relativamente à ‘condenação’ da expressão da sua sexualidade, referido anteriormente, não encontra sequência na resposta à questão formulada aos inquiridos neste estudo sobre se a sexualidade seria uma prática ‘permitida’ apenas aos jovens. A maioria respondeu taxativamente que não mas, pelo menos três deles, hesitaram e soltaram um “talvez”.

As respostas positivas são muito marcadas pela afirmação dos direitos individuais e ligam a prática da sexualidade à expressão desses mesmos direitos. Aliás, um dos inquiridos entende que “a sexualidade nos ajuda a sentirmos que o passar da idade não tem que ser uma coisa assim tão má” (mulher, 67 anos, divorciada).

Não deixa de ser relevante que os mesmos entrevistados que admitem o sexo como algo natural, extensível a todas as idades, demonstrem reticências quanto à admissão da sua prática e à sua aceitabilidade (como observado anteriormente). A existência de um complexo de culpa associado a uma prática sexual que pode ser considerada contranatura a partir de uma certa idade, e cuja pertinência só é aceitável na esfera íntima do casal, leva-nos a concluir que a visão do idoso assexuado ainda prevalece não apenas entre os jovens mas também nos indivíduos com mais de 55 anos. Para muitos, não é admissível que se reconheça o direito público à sexualidade dos mais idosos, sobretudo porque receiam o julgamento da sociedade e uma certa marginalidade cultural.

#### **4.13 Sexo ao longo de toda a vida**

Para quase todos o sexo foi bastante importante na juventude e continua a sê-lo. Aliás, parece haver uma correlação direta nalguns dos entrevistados entre uma vida sexual ativa na juventude e a sua manutenção em idade avançada, o que confirma as conclusões da literatura existente (Beckman et al., 2008; Bretschneider & McCoy, 1988). A larga maioria usou a terminologia “muito importante”, havendo quem acrescentasse que “o facto de ter tido uma vida sexual sempre muito ativa fez de mim uma mulher mais madura e de mente mais aberta” (mulher, 55 anos, divorciada).

O sexo tende a melhorar com a idade, na opinião dos entrevistados, apesar das diferentes razões invocadas. Entre os que referem que “a maturidade traz-nos uma maneira de estar

diferente, o que faz com que se viva a sexualidade com mais prazer” (homem, 57 anos, casado) e os que defendem que “deixa de haver a pressão de engravidar e a satisfação pode ser mais plena” (mulher, 67 anos, divorciada), há também quem prefira lembrar que a idade pode ser relativa, pois a prática sexual “melhora à medida que conhecemos melhor o outro” (mulher, 66 anos, casada).

No seu estudo, White (1982) concluiu que o comportamento sexual na terceira idade reflete uma continuação dos padrões mantidos ao longo da vida, ou seja, os indivíduos que eram mais ativos sexualmente na sua juventude tendem a sê-lo também numa idade mais avançada. Pelo contrário, uma atitude negativa perante o sexo na juventude pode condicionar seriamente a capacidade para retirar satisfação do mesmo numa fase mais tardia da vida.

## 5. Conclusão

---

O sexo há muito que deixou de ser “uma força oculta da civilização moderna” (Giddens, 1995:13), pois a sua discussão e investigação assomaram à esfera pública e nela têm permanecido. O tema é recorrente, apesar de as dimensões de análise poderem variar.

Nas últimas décadas, as matérias ligadas à sexualidade serviram de móbil à produção de vasta literatura, primeiro nos Estados Unidos e depois na Europa. As relações sexuais de cariz heterossexual e em idade fértil dominaram a investigação, remetendo para um plano secundário o estudo de outros fenómenos como a homossexualidade ou as práticas sexuais na terceira idade.

O foco da investigação tem sido um reflexo da forma como a sociedade encara as questões da sexualidade. Apesar de a World Association for Sexual Health reconhecer que “os direitos sexuais são baseados nos direitos humanos universais” e a sexualidade ser “um aspecto central do ser humano em toda a vida”, parece evidente que certas dimensões da sexualidade são minorizadas e votadas ao esquecimento.

Um desses casos é o da sexualidade dos indivíduos com mais de 55 anos. Embora nos últimos anos se tenha assistido a um crescente interesse do meio académico por este tema, é ainda diminuto o número dos que se dedicam a estudá-lo. E mesmo os que o fazem têm centrado a sua atenção na análise da frequência e qualidade da atividade sexual, ou nos fatores clínicos que podem condicioná-la com o avançar da idade, olvidando outras questões como as representações que estes indivíduos fazem da sua própria sexualidade.

Em Portugal, é grande o desconhecimento sobre esta realidade. São raros os estudos acerca da sexualidade dos indivíduos com idade superior a 55 anos e os que existem focam-se, à semelhança do que acontece no resto do mundo, na frequência do ato sexual, negligenciando a perceção que os indivíduos têm da sua qualidade e do grau de satisfação alcançado.

Perante estas evidências, propusemo-nos estudar a sexualidade dos portugueses com mais de 55 anos, sob o ponto de vista das suas representações. Para melhor percebermos esta realidade e discutirmos as várias cambiantes que a condicionam, optámos por entrevistar um conjunto de indivíduos com as características que correspondem aos critérios definidos no estudo.

Não seguimos a tendência, de outros estudos, de escolher pessoas que estivessem já em situação de reforma ou institucionalizados mas sim indivíduos ainda em idade ativa, entre os 55

e os 67 anos<sup>14</sup>. Além disso, todos eles eram jovens na altura do 25 de abril de 1974, um período considerado decisivo para as mudanças sociais e de mentalidades que ocorreram em Portugal ao longo das últimas décadas e que ainda hoje se fazem sentir.

A maioria destas pessoas cresceu num regime ditatorial e viu-se confrontada com uma nova era de liberdade depois de abril de 1974. Com um acontecimento tão marcante, importava perceber como é que evoluíram as suas vivências posteriores e se o novo regime instaurado, após a revolução, alterou os seus costumes e hábitos sociais, tendo sempre como elemento aferidor a sexualidade.

Socorrendo-nos das suas biografias e percursos de vida, conduzimos os nossos entrevistados numa viagem até ao momento atual, tentando perceber como é que a sua sexualidade evoluiu e como é que a encaram agora, com 55 e mais anos. Queríamos entender que alterações ocorreram nas representações e práticas sexuais destes indivíduos, tomando por referência o período imediatamente anterior ao 25 de abril de 1974 e a atualidade.

Os resultados das entrevistas permitiram, desde logo, concluir que o 25 de abril de 1974 representou para estes indivíduos um ponto de viragem entre um passado repressivo e um novo tempo de liberdade, marcado por profundas alterações nos costumes e nas mentalidades da sociedade portuguesa, que pela primeira vez se abria para realidades que até então haviam permanecido na penumbra ou convenientemente cerceadas pelo antigo regime. A discussão de temas considerados tabu, nomeadamente a sexualidade, os métodos contraceptivos, a infertilidade, a homossexualidade ou a maternidade passaram a ser uma realidade.

A revolução de mentalidades não foi, contudo, imediata, nem a aparente abertura que se verificou na sociedade permitiu que tudo fosse discutido ou até mesmo aceite. As grandes mudanças foram ocorrendo, gradualmente, nos anos seguintes, como se depreende de algumas importantes alterações legislativas na década de 1980, no caso do aborto, ou em décadas mais recentes com o casamento de pessoas do mesmo sexo.

É praticamente consensual que a igualdade de género foi uma das grandes conquistas decorrentes deste período revolucionário, apesar de só ter sido consagrada em lei pela Constituição de 1976. A bibliografia já evidenciara esse facto, também assinalado pela grande maioria dos entrevistados. A mulher abandonou o seu papel de subalternidade em relação ao homem e assumiu funções idênticas ao do seu parceiro masculino, quer no mercado de trabalho quer nas relações íntimas.

---

<sup>14</sup> A idade da reforma em Portugal, no ano de 2017, é de 66 anos e 3 meses de idade, independentemente do sexo.

Outra das conquistas sinalizada pelos entrevistados foi o livre acesso a um leque alargado de bens culturais até então proibidos. Livros, músicas e filmes passaram a estar livremente acessíveis a todas as camadas da população. Por exemplo, o sucesso de alguns filmes de cariz erótico, como O Último Tango em Paris, mostrava uma população ávida de novidades e desejava de conhecer as obras interditas. Ver estes filmes era uma experiência quase catártica, onde o espectador experimentava a plenitude da sua liberdade.

Estas obras culturais e, sobretudo os meios de comunicação social, foram importantes veículos de divulgação de novas ideias e hábitos vindos do estrangeiro. Começava uma certa aculturação da sociedade, que se rendia ao que vinha de fora. Os jovens queriam imitar os seus ídolos e experimentar coisas novas.

Através das 22 entrevistas levadas a efeito para este estudo, foi possível traçar um retrato aproximado sobre a forma como hoje os indivíduos com mais de 55 anos encaram e experienciam a sua sexualidade.

Desde logo, parece não existir consenso sobre se a sexualidade continua ou não a ser um aspeto essencial nas suas vidas. Ainda assim, e apesar de certas divisões nesta matéria, é evidente para todos que a sexualidade é algo inato ao ser humano e que contribui para uma vida mais plena.

É notório verificar que a experiência sexual vai sofrendo transformações com o passar dos anos e que a partir de determinada idade o enfoque reside mais em aspetos como as carícias e os beijos e menos no coito. Se excetuarmos alguns dos homens entrevistados, que aparentemente dizem continuar muito focados no sexo com penetração, a tendência geral é para a procura de novas formas de expressar o amor, ainda que nenhum dos indivíduos tenha admitido que deixou de ter relações coitais.

Neste particular, importa lembrar aquilo que foi uma das condicionantes sinalizada no nosso estudo. Alguns dos entrevistados do sexo masculino insistiram bastante na importância do sexo com penetração, o que pode ser lido como uma necessidade de afirmação da sua masculinidade e a assunção de um papel que, acreditam, a sociedade lhes impõe. Durante a entrevista, foi possível desconstruir algumas destas opiniões e levar os indivíduos a conceder respostas mais próximas da realidade. Porém, esta situação demonstra-nos a persistência de certas ideias e de papéis sociais que os homens acreditam ter de assumir no campo da sexualidade.

A satisfação mútua e a importância do amor são dois dos aspetos mais valorizados na vida sexual dos indivíduos com mais de 55 anos. A maioria das mulheres privilegia a qualidade em



detrimento da quantidade, ao passo que no caso dos homens ainda é visível uma certa preferência pela quantidade/frequência, embora não deixem também de relevar a qualidade.

Um dado interessante a reter deste estudo é o padrão duplo que as mulheres associam à menopausa. Se por um lado a menopausa é encarada como um elemento libertador da pressão que se associa ao sexo na juventude, pelo risco de gravidez, por outro, é vista como um fator que pode provocar alterações físicas e conduzir a um declínio do apetite sexual ou até ao término da sua vida sexual.

O público-alvo deste estudo mostrou-se reticente em discutir a sua vida sexual com terceiros (médicos, companheiros ou amigos), sendo poucos os que admitiram fazê-lo de forma natural e espontânea. São também em número reduzido os que procuram informações sobre tópicos ligados à sexualidade.

A visão da sociedade relativamente à sexualidade dos indivíduos com mais de 55 anos é ainda bastante negativa. De acordo com a perceção dos entrevistados, a sociedade continua a não aceitar como natural a sua sexualidade e muitas vezes essa discriminação parece começar em casa, junto dos familiares.

Importa notar, porém, que os indivíduos de 55 e mais anos recriminam a expressão da sexualidade nessas idades, alguns dos quais manifestam dificuldade em admitir a sua prática sexual por recearem o julgamento da sociedade e uma certa marginalidade cultural. A prática sexual é encarada pelos próprios, e pela sociedade no geral, como algo contranatura e fora da norma.

Ainda assim, a larga maioria insistiu em afirmar que a sexualidade não é apenas um direito que deve ser reconhecido aos jovens e a todos aqueles que estão em idade fértil.

De entre os fatores que podem inibir a prática sexual dos indivíduos com mais de 55 anos, as questões físicas e a ocorrência de doenças surgem no topo, logo seguidas de situações como a falta de amor, a ausência de companheiro, a falta de higiene ou os modos desajustados do parceiro.

Para quase todos os entrevistados, o sexo foi muito importante na juventude e continua a sê-lo na atualidade. Aliás, parece haver uma correlação direta entre uma vida sexual ativa na juventude e a sua manutenção em idade avançada. O sexo tende a melhorar com a idade, na opinião dos componentes deste grupo, apesar das razões invocadas nem sempre serem concordantes.

Em suma, o estudo levado a cabo permitiu identificar representações sociais e tendências reveladoras de comportamentos que contribuem para a resposta à questão de investigação.

Verificou-se um padrão de mudança significativo nas representações e práticas sexuais dos portugueses após o período revolucionário de 1974.

Depreende-se também dos resultados apurados que, não obstante o facto de a sexualidade ter saltado para a esfera pública no que concerne à sua discussão, a visão da sociedade relativamente à prática sexual dos adultos com mais de 55 anos continua a ser muito castradora/condenatória. Mantém-se, da parte destes indivíduos, um comportamento de inibição da expressão da sua prática sexual – embora entendam essa prática como perfeitamente natural – por considerarem que ela não é bem aceite socialmente.

Conclui-se, pois, que existe um longo caminho a percorrer na aceitação pública da prática sexual dos indivíduos com mais de 55 anos. Aliás, há exemplos recentes que demonstram isso mesmo, como a decisão do Supremo Tribunal Administrativo de reduzir a indemnização que um hospital teria de pagar a uma mulher, decorrente de um erro médico que lesou o seu aparelho genital, por entender que a sexualidade depois dos 50 anos “não tem a importância” de outras idades. O coletivo de juizes tinha idades compreendidas entre os 56 e os 64 anos, o que corrobora a ideia de que os indivíduos de 55 e mais anos recriminam a expressão da sexualidade nessas idades<sup>15</sup>.

Torna-se imperioso sensibilizar a sociedade para este tema. O Estado poderá desempenhar aqui um papel decisivo, através da promoção de campanhas de sensibilização para o direito à sexualidade, independentemente da idade, bem como na definição de conteúdos a abordar em ambiente escolar, no âmbito da educação sexual.

Há ainda variáveis de análise decorrentes deste estudo que poderão ser desenvolvidas em trabalhos futuros. Desde logo, aprofundando e debatendo o tema das representações que os indivíduos com 55 e mais anos fazem da sua sexualidade. O trabalho aqui apresentado resultou de 22 entrevistas, mas numa próxima oportunidade este número poderá ser aumentado, reforçando-se também as dimensões em análise, no sentido de cruzar a prática sexual deste público-alvo com as vertentes da religião, educação, naturalidade, género, entre outras.

A realização de mais estudos sobre a sexualidade dos adultos com mais de 55 anos em Portugal seria um importante contributo para a reflexão sobre esta matéria e poderia ajudar, ao mesmo tempo, a colocar a questão da sexualidade destes indivíduos na ordem do dia.

---

<sup>15</sup> A notícia publicada no jornal Público tem data de 17 de outubro de 2014. Mais tarde, em julho de 2017, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem condenou Portugal a pagar uma multa à mulher vítima de erro médico. Consultada em 6 de junho de 2017 e em 28 de julho de 2017. <https://www.publico.pt/2014/10/17/sociedade/noticia/supremo-reduz-indemnizacao-porque-sexualidade-aos-50-anos-nao-tem-a-importancia-de-outras-idades-1673211> | <https://www.publico.pt/2017/07/25/sociedade/noticia/mulheres-ja-nao-ligam-ao-sexo-depois-dos-50-tribunal-europeu-discorda-e-condena-portugal-1780264>

Aliás, quando hoje se fala em direito à sexualidade, este parece ser reconhecido exclusivamente aos jovens e aos que estão ainda em idade fértil. A sociedade não reconhece nem aceita facilmente o exercício deste direito pelos indivíduos que já não se 'encaixam' no quadro estereotipado de juventude e fertilidade. Não deixa de ser curioso verificar que, se a sexualidade parece ser encarada com normalidade nos dias que correm, isso acontece apenas dentro das situações consideradas normativas.

Portugal assistiu, nos últimos 40 anos, a importantes conquistas socioeconómicas e a mudanças profundas nos costumes e mentalidades. Mas essa mudança ainda não chegou a todos os redutos da sociedade e, no caso da sexualidade das pessoas mais velhas, parece óbvio que o caminho a percorrer é ainda longo.

## Bibliografia

---

- Aboim, S. (2008) Género e Modernidade – A construção pública do privado, In M.V. Cabral, K. Wall, S. Aboim, F.C. da Silva (eds.). Itinerários - A Investigação nos 25 Anos do ICS (pp. 561-582). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Aboim, S. (2011). Vidas Conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação. In A.N. Almeida (coord.), História da Vida Privada em Portugal – Os Nossos Dias, volume IV, (pp. 80-111), Lisboa: Temas e Debates.
- Aboim, S. (2013) A Sexualidade dos Portugueses. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Adams, M.A.; Rojas-Camero,C.; Clayton, K. A. (1990). Small-group sex education/intervention model for the well elderly: A challenge for educators. Educational Gerontology, 1990, 16, (pp. 601-606).
- Aguiar, A. (1930) Crimes e delitos sexuais em Portugal na época das ordenações – sexualidade anormal, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Alão, A.P. (1990). As práticas afectivas. In A. Reis (dir.) Portugal Contemporâneo (1926-1958), volume IV, (pp. 377-382), Lisboa: Publicações Alfa.
- Alão, A.P. (1992) «Amor e sexualidade: Mudança de Comportamentos», In A. Reis (org.), Portugal Contemporâneo, volume 5, (pp.367-380), Lisboa: Alfa.
- Almeida, A. N.; Wall, K. (2001). Família e Quotidiano: Movimentos e Sinais de Mudança. In J. M. Brandão de Brito (Eds.), O País em Revolução (pp. 277-307). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Amaro, F. (2006). Introdução à Sociologia da Família. Lisboa: ISCSP.
- Barreira, C.; Ferreira, M. (1994). «Cultura e Mentalidades», In M. Ferreira, História de Portugal - Portugal em Transe, volume 8 de J. Mattoso, História de Portugal, Lisboa: Editorial Estampa.
- Barreto, A. (2005). Mudança Social em Portugal, 1960 - 2000. In A. C. Pinto (Coord.), Portugal Contemporâneo (pp. 137-162). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Barreto, A.; Mónica, M.F. (1999). Dicionário de História de Portugal. Porto: Figueirinhas.
- Bebiano, R. (2003). O Poder da Imaginação. Coimbra: Angelus Novus.
- Beckman, N.; Waern, M.; Gustafson, D.; Skoog, I.; (2008). Secular trends in self-reported sexual activity and satisfaction in Swedish 70 year olds: cross sectional survey of four populations, 1971-2001. BMJ, 337.

- Berg, B.L. (2004). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences*, Boston: Pearson.
- Beutel, M.; Stöbel-Richter, Y.; Brähler, E. (2007). Sexual desire and sexual activity of men and women across their lifespans: results from a representative German community survey. *British Journal of Urology International*, 101(1), (pp. 76-82).
- Bize, P.R.; Vallier, C. (1985). *Uma Vida Nova – A Terceira Idade*. Lisboa: Verbo
- Blake, W. (1788) *All Religions are One*, London. Consultado a 20 de dezembro de 2017 em [https://www.wnorton.com/college/english/nael/noa/pdf/blake\\_All\\_Religions\\_Are\\_One.pdf](https://www.wnorton.com/college/english/nael/noa/pdf/blake_All_Religions_Are_One.pdf)
- Bloch, I. (1906). *Das Sexualleben unserer Zeit in seinen Beziehungen zur modernen Kultur*. Berlin: Marcus Verlagsbuchhandlung
- Bogdan, R.; Biklen, S.K. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto: Porto Editora
- Bomsdorf, E. (1993) *Generationensterbetafeln für die Geburtsjahrgänge 1923 bis 1993: Modellrechnungen für die Bundesrepublik Deutschland*. Köln: Verlag Josef Eul
- Bouman, W. P.; Arcelus, J.; Benbow, S. (2006). Nottingham study of sexuality & ageing (NoSSA I). Attitudes regarding sexuality and older people: A review of the literature. *Sexual and Relationship Therapy*, 21(2), (pp.149-161).
- Bragança, J.A. (1875) *Breves Considerações sobre a Prostituição*, Lisboa: Typographia Universal
- Brecher, E. M. (1984) *Love, Sex and Aging*. Boston: Little Brown and Co.
- Bretschneider, J.G.; McCoy, N.L. (1988). Sexual interest and behavior in healthy 80 – to 102 – years- old, *Archives of Sexual Behavior*, 17, (pp.109-129)
- Brogan, M. (1996). The sexual needs of elderly people. *Nursing Standard*, 10(24), (pp.42-45)
- Brown, L. (1989). Is there sexual freedom for our aging population in long term care institutions?. *Journal of Gerontological Social Work*, 13, (pp. 75-90)
- Bullough, V. (1994). *Science in the Bedroom. A History of Sex Research*. New York: Basic Books.
- Busse, E.; Maddox, G.; Buckley, E. (1985). *The Duke longitudinal studies of normal aging, 1955-1980: overview of history, design, and findings*. New York: Springer Pub. Co.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paideia*, 14(28), (pp.125-137)
- Capodieci, S. (1996). *L'età dei sentimenti: amore e sessualità dopo i 60 anni*. Roma: Città Nuova.

- Cardina, M. (2008) *A Tradição da Contestação*. Coimbra: Angelus Novus
- Carvalho, R.M.; Santo, M.C. (2014) *Menopausa e Envelhecimento Feminino*. In N.M. Pereira, *Sexologia Médica* (pp. 363-374), Lisboa: Lidel
- Chapman, J. L. (1999). Knowledge and attitudes of sexuality in the elderly among educators of health care professionals . Consultado em <http://ro.ecu.edu.au/theses/1208>
- Cohen, M. (1984). Sex after Sixty. *Canadian Family Physician*, 30, (pp. 619-624)
- Cole, S. (1994). *Mulheres da Praia: O Trabalho e a Vida numa Comunidade Costeira Portuguesa*, Lisboa: Dom Quixote
- Colson, M.-H. (2007). Sexualité après 60 ans, déclin ou novel âge de vie?, *Sexologies*, 16(2), (pp. 91-101)
- Conway-Turner, K. (1992). Sex, intimacy and self-esteem: The case of the African American older woman. *Women & Aging*, 4, (pp. 91-104)
- Costa, M.F. (2009). *Sexualidade e amor na terceira idade (Dissertação de Mestrado)*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto. ~
- Cova, A.; Pinto, A. C. (1997). O Salazarismo e as Mulheres - Uma Abordagem Comparativa. *Penélope*, 17, (pp. 71-94).
- Cruz, F.I. (1841) *Da prostituição na cidade de Lisboa; ou Considerações historicas, higienicas e administrativas em geral sobre as prostitutas, e em especial na referida cidade*, Lisboa: Typ. Lisbonense
- Damrosch, S.P.; Fischman, S.H. (1985). Medical Students' Attitudes Toward Sexually Active Older Persons. *Journal of the American Geriatrics Society*, 33, (pp. 852-855)
- Dannecker, M. (1979). Sexualität im Alter. *Konkret Sexualität*, 56
- Dantas, J.M.; Silva, E.M.; Loures, M.C. (2002). Lazer e sexualidade no envelhecimento humano, *Revista Estudos Vida e Saúde*, 29(5), (pp. 1395-1420)
- Darnaud, T.; Sirvain, S.; Igier, V.; Taiton, M. (2013). A study of hidden sexuality in elderly people living in institutions. *Sexologies*, 22, (pp. 93-99).
- DeLamater, J. (2012). Sexual Expression in Later Life: A Review and Synthesis. *Journal of Sex Research*, 49(2-3), (pp. 125-141)

- DeLamater, J.; Sill, M. (2005). Sexual desire in later life. *The Journal of Sex Research*, 42(2), (pp. 138-149).
- Dello Buono, M., Zaghia, P., Padoania, W., Scocco, P., Urciuolia, O., Pauroa, P. & De Leoa, D. (1998). Sexual feelings and sexual life in an Italian sample of 335 elderly 65 to 106-year-olds. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 26(1), (155-162).
- Dello Buono, M.; Zaghi, P. C.; Padoani, W.; Scocco, P.; Urciuoli, O.; Pauro, P. (1998) Sexual feelings and sexual life in an Italian sample of 335 elderly 65 to 106-years-olds. *Archives of Gerontology & Geriatrics*, (Suppl. 6), (pp.155-162)
- Descartes, R. (1981). *Discurso do Método – As Paixões da Alma*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Diniz, M.C. (1994). O Amor e a Sexualidade. In A. Reis (coord.), *Portugal 20 Anos de Democracia*, (pp.496-503), Lisboa: Circulo de Leitores
- Drench M.; Losee R. (1996) Sexuality and sexual capacities of elderly people. *Rehabil Nurs*, 21 (pp. 118-123)
- Durkheim, E. (1897). *Suicide: A study in sociology*. New York: Free Press
- Durkheim, E. (1898). Représentations individuelles et représentations collectives. *Revue de Métaphysique et de Morale*, VI, (pp. 273–302).
- Ebberfeld, I. (1992). *Sexualität von Frauen im Alter*. Frankfurt: Campus Verl.
- Ellis, H. (1933). *Psychology of Sex*. London: W. Heinemann.
- Estatística, I. N. (2011). Instituto Nacional de Estatística. Obtido em 07 de novembro de 2015, em [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006396&selTab=tab10](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006396&selTab=tab10)
- Estatística, I. N. (2014). Projeções de população residente 2012-2060. Obtido em 18 de dezembro de 2016, em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaquas&DESTAQUESdest\\_boui=208819970&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=208819970&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)
- Farr, R. M. (2009). Representações sociais: a teoria e sua história. In P. Guareschi, S. Jovchelovitch (org.), *Textos em representações sociais*, (pp. 31-59), Petrópolis: Vozes.
- Farr, R.M. (1986). Las representacionaes sociales. In S. Moscovici, *Psicología Social*, volume 2, (pp. 495-506), Barcelona. Ediciones Paidós.
- Farré, A.F.; Salas, B.L. (2009). El secreto mejor guardado: la sexualidade de las mujeres mayores. *Política y Sociedad*, 46(1-2), (pp.191-203)

- Ferreira, M. (1994). História de Portugal – Portugal em Transe, volume 8 de J. Mattoso, História de Portugal, Lisboa: Editorial Estampa
- Ferreira, V. (2010). A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal - Políticas e Circunstâncias, Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Fonseca, A. (1902) Da Prostituição em Portugal, Porto: Typographia Occidental
- Fortin, M-F. (1999). O Processo de Investigação: Da Concepção à Realização, Loures: Lusociência.
- Fortin, M-F. (2009). Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação, Loures: Lusociência
- Frayser, S. G.; Whitby, T. J. (1995). Studies in human sexuality: A selected guide. Englewood: Libraries Unlimited
- Frugoli, A.; Magalhães-Júnior, C.A. (2011). A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR Umuarama, 15(1), (pp. 85-93)
- Gallis, A. (1910) O Que as Noivas Devem Saber. Livro de Filosofia Prática, Lisboa: s.e
- Garton, S. (2009) História da Sexualidade: Da Antiguidade à Revolução Sexual. Lisboa: Estampa
- George, L., & Weiler, S. (1981). Sexuality in middle and late life: The effects of age, cohort, and gender. Archives of General Psychiatry, 38(8), (919-923).
- Gião, A. (1891) Contribuição para o Estudo da Prostituição em Lisboa, Lisboa: Typographia de Christovão Augusto Rodrigues
- Gomes, F. A., Albuquerque, A., & Nunes, J. S. (1987). Sexologia em Portugal. Lisboa: Texto Editora.
- Gomes, F.A. (1978). Sexualidade na Terceira Idade. O Médico, 1413, (pp. 1-12)
- Gott, M.; Hinchliff, S. (2003). How important is sex in later life? The views of older people. Social Science & Medicine, 56, (pp.1617-1628).
- Graziottin, A. (1999) Sexuality in the Elderly. Journal fur Menopause, 6, (pp.31-35)
- Griffiths, E. (1988). No Sex Please, we're Over 60. Nursing Times, 84, (pp. 34-35)
- Haeberle, E. (1983). The Birth of Sexology: A Brief History in Documents.
- Hartzell, R. (2005). Senior sex: Exploring the sex lives of older adults. The Journal of Sex Research, 43(3)



- Helgason, A. R.; Adolfsson, J.; Dickman, P.; Arver, S.; Fredrikson, M.; Göthberg, M.; Steineck, G. (1996) Sexual desire, erection, orgasm and ejaculatory functions and their importance to elderly Swedish men: a population-based study. *Age Ageing*, 25, (pp.285-291).
- Hillman J. L.; Stricker G. (1996). Predictors of college students' knowledge of and attitudes toward elderly sexuality: The relevance of grandparental contact. *Educational Gerontology*, 22, (pp. 539-555).
- Hillman, J. (2008). Sexual issues and aging within the context of work with older adult patients. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39, (pp. 290-297)
- Hillman, J.L.; Stricker, G. (1994). A Linkage of knowledge and attitudes toward elderly sexuality: Not necessarily a uniform relationship. *Gerontologist*, 34(2), (pp. 256-260).
- Hite, S. (1976). *The Hite report: a nationwide study on female sexuality*. New York: Macmillan
- Hite, S. (1981) *The Hite report on male sexuality*. New York: Knopf
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (ed.), *Psychologie Sociale*, (pp.357-378), Paris: PUF
- Kinsey, A.; Pomeroy, W.; Martin, C. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: W.B. Saunders.
- Kinsey, A.; Pomeroy, W.; Martin, C.; Gebhard, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W.B. Saunders.
- Kivelä, S-L.; Lehtomäki, E.; Kivekäs, J., (1986). Prevalence of Depressive Symptoms and Depression in Elderly Finnish Home Nursing Patients and Home Help Clients. *International Journal of Social Psychiatry*, 32(1), (pp.3-13)
- Kline, L. (s.d). *Sexual Behavior in Older Adults*. York: Pennsylvania State University.
- Lains, P.; Costa, L.F.; Münch, S. (2011) *História Económica de Portugal (1143-2010)*, Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Laumann, E. O.; Das, A.; Waite, L. J. (2008). Sexual dysfunction among older adults: Prevalence and risk factors from a nationally-representative U.S. probability sample of men and women 57-85 years of age. *Journal of Sexual Medicine*, 5, (pp. 2300-2311).
- Lee, D.M.; Nazroo, J.; O'Connor, D.B.; Blake, M.; Pendleton, N. (2016) Sexual Health and Well-being Among Older Men and Women in England: Findings from the English Longitudinal Study of Ageing, *Archives of Sexual Behaviour*, 45(1), (pp.133-144).
- Levine, S. (1998). *Sexuality in mid-life*. New York: Plenum Press.
- Levy, J. (1994). Sex and sexuality in later life stages. In A. Rossi (ed.), *Sexuality across the life course*, (pp. 287–309), Chicago: University of Chicago Press

- Leyens, J.P.; Codol, J.P. (1993) *Cognición Social*. In M. Hewstone et al. *Introducción a la Psicología Social*. Barcelona: Ariel.
- Lima, M. P. (2003). *A Sexualidade na Terceira Idade*. In E. Sá (Coord.), *Quero-te! - Psicologia da Sexualidade* (109-115). Coimbra: Quarteto.
- Lima, M. P. (2006). *Sexualidade "de terceira" na Terceira Idade?* *Psychologica*, 41, (pp. 83-101).
- Limentani, A. (1995). *Creativity and the third age*. *International Journal of Psychoanalysis*, 76, (825.833).
- Lindau, S. T.; Schumm, L. P.; Laumann, E. O.; Levinson, W.; O'Muircheartaigh, C. A.; Waite, L. J. (2007). *A study of sexuality and health among older adults in the United States*. *New England Journal of Medicine*, 357, (pp. 762-774).
- Liu H.; Waite, L.; Shen, S.; Wang, D. (2016) *Is Sex Good for Your Health? A National Study on Partnered Sexuality and Cardiovascular Risk Among Older Men and Women*. *Journal of health and social behavior*, 57(3), (pp.276-296).
- López, F., & Fuertes, A. (1989). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento Familiar.
- Martins, R.M.; Rodrigues, M.L. (2004). *Estereótipos sobre idosos: Uma representação social gerontofóbica*, *Millenium. Revista do ISPV*, 29, (pp. 249-254).
- Masters, W., & Johnson, V. (1966). *Human sexual response*. New York: Little Brown.
- Maxwell, K. (1999). *A Construção da Democracia em Portugal*, Lisboa: Presença.
- Medina, J., (1998). *Portugal Democrático*, volume 14 de J. Medina, *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, Alfragide: Ediclube
- Miguel, N.S. (1988) *Os Jovens e a Sexualidade*, Lisboa: Comissão da Condição Feminina
- Mixão, M. L. & Borges, J. C. F. (2006). *A sexualidade no idoso*. *Revista Enfermagem*. 2ª Série. Lisboa: Associação Portuguesa de Enfermeiros.
- Mónica, M.F. (1996). *Os Costumes em Portugal*. Lisboa: Público
- Moniz, E. (1901) *A Vida Sexual*, Coimbra: França Amado
- Morley, J.E. (2003) *Testosterone and behavior*, *Clinics in Geriatric Medicine*, 19(3), (pp.605-616)
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse: son image et son public*. Paris: PUF
- Moscovici, S. (1988). *Psicologia Social*. Barcelona: Ediciones Paidós.

- Müller, B.; Nienaber, C.A.; Reis, O.; Kropp, P.; Meyer, W. (2014) Sexuality and Affection among Elderly German Men and Women in Long-Term Relationships: Results of a Prospective Population-Based Study. PLoS ONE, 9(11).
- Neto, F. (1998). Psicologia Social, vol. I, Lisboa: Universidade Aberta.
- Nieto, J. (1995). La sexualidad de las personas mayores en España. Madrid: Imsero.
- O.M.S. (2001). Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: Nova concepção, nova esperança. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde.
- Pacheco, J. (2003). Sexualidade e Religião. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coord.), A Sexologia - Perspetiva Multidisciplinar (Volume II) (44-51). Coimbra: Quarteto Editora.
- Pacheco, J.; Gamito, L. (1993). O Sexo é de Todas as Idades, Lisboa: Caminho.
- Papa Pio XI, Encíclica Casti Connubii. Obtido em 04 outubro 2016, em [https://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19301231\\_casti-connubii.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html)
- Papaharitou, S.; Nakopoulou, E.; Kirana, P.; Giaglis, G.; Moraitou, M.; Hatzichristou, D. (2008). Factors associated with sexuality in later life: An exploratory study in a group of Greek married older adults. Archives of Gerontology and Geriatrics, 46 (pp. 191-201).
- Paúl, C.; Fonseca, A. (coord.) (2005). Envelhecer em Portugal – Psicologia, saúde e prestação de cuidados. Lisboa: Climepsi Editores.
- Paunonen, M.; Häggman-Laitila, A. (1990). Sexuality and the satisfaction of sexual needs. Hoitotiede, 2(2), (pp.152-157).
- Pereira, N.M.; Gomes, M. (1994). A disfunção sexual no homem de 50 anos. In A. Moreira (ed). O homem de 50 anos (pp.87-91). Porto: Sociedade Portuguesa de Andrologia.
- Persson, G. (1980). Life event ratings in relation to sex and marital status in a 70-year-old urban population. Acta Psychiatrica Scandinavica, 62(2), (pp.112-118).
- Pfeiffer, E.; Verwoerdt, A.; Davis, G. C. (1972). Sexual behavior in middle life. American Journal Psychiatry. 128, (pp.1262–1267).
- Pfeiffer, E.; Verwoerdt, A.; Wang, H. (1968). Sexual behavior in aged men and women. I. Observations on 254 community volunteers. Archives of General Psychiatry, 38, (pp. 753-758).
- Pimentel, I.; Melo, I. P. (2015) Mulheres Portuguesas. Lisboa: Clube do Autor.
- Pimentel, I.F. (1999). A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. Análise Social, vol. XXXIV(151-152), (pp. 477-508).

- Pinto, A.L. (2012). A sexualidade nos idosos. Contributo para a avaliação das atitudes face à sexualidade nos idosos e a sua relação com a religião e nível cognitivo (Dissertação de Mestrado). Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Policarpo, V. (2011). Sexualidade em construção, entre o privado e o público, In A.N. Almeida (coord.), História da Vida Privada em Portugal – Os Nossos Dias, volume IV, (pp. 48-79), Lisboa: Temas e Debates.
- Portugal, L. (1994) Sexualidade e Planeamento Familiar, Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L.V. (2005) Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, F. & González, H. (1994). La Sexualidade en la Vejez. In J. Buendia (comp.). Envejecimiento y Psicología de la Salud. Madrid: Siglo XXI de España Editores, S.A.
- Ramos, M. (2005). Sexualidade na diversidade: Atitudes de pais e técnicos face à afetividade e sexualidade do jovem com deficiência mental. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Ramos, R.; Sousa, B. V.; Monteiro, N. G. (2009) História de Portugal. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Rebec, D.; Karnjuš, I.; Ličen, S.; Babnik, K. (2015). Breaking Down Taboos Concerning Sexuality among the Elderly. In A. P. Mivšek (Ed.), Sexology in Midwifery. (pp. 189-207).
- Ribeiro, J. (2010). Uma abordagem sobre a sexualidade na terceira idade (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade Fernando Pessoa – Faculdade Ciências da Saúde.
- Ribera, D.; Reig, A. (1991) Comportamiento sexual en ancianos. Revista Española de Geriatria y Gerontología, 26, (pp.234-242).
- Richards, J. (1994). Sex, Dissidence and Damnation: Minority Groups in the Middle Ages. London: Routledge.
- Rocha, L.F. (2014). Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 34(1), (pp. 46-65).
- Sánchez, F.; Ulacia, J. (2006). Sexualidad en la vejez. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Sardica, J.M. (2011). O Século XX Português, Alfragide: Texto.
- Schiavi, R. (1999). Aging and male sexuality. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schiavi, R. C.; Schreiner-Engel, P.; Mandeli, J.; Schanzer, H.; Cohen, E. (1990). Healthy aging and male sexual function. American Journal Psychiatry. 147, (pp. 766-771).

- Serrano, M. (2011). Desafios da investigação qualitativa em Animação Sociocultural. In M.S. Lopes (coord.), *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*, (pp. 325-349), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice – Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Simon, P. (1970). *Le Comportment Sexuel des Français*. Paris: Juillard.
- Starr, B., (1987). Sexuality. In G. Maddex, (Ed.), *The Encyclopedia of Aging*, (pp. 606-608). New York: Springe.
- Steinke, E. E. (1994) Knowledge and attitudes of older adults about sexuality in ageing: A Comparison of two studies. *Journal of Advanced Nursing*, 19, (pp. 477-485).
- Steinke, E.E. (1997) Sexuality in aging: implications for nursing facility staff. *Journal of Continuing Education in Nurgsing*, 28(2), (pp. 59-63).
- Sydow, K. v. (1992). Female sexuality in middle and old age. *Z. Gerontol*, 25, (pp.113-127).
- Tavares, M. (2003). *Movimentos de Mulheres em Portugal – Décadas de 1970 a 1980*. In T. Joaquim, A. Galhardo (org.), *Novos Olhares*, Oeiras: Celta Editora.
- Tordjman, G. (1977). *A Sexologia*, Lisboa: Ática.
- Trompeter, E.S.; Bettencourt, R.; Barrett-Connor, E. (2012). Sexual Activity and Satisfaction in Healthy Community-dwelling Older Women. *The American Journal of Medicine*, 125(1), (pp.37-43).
- Tümmers, H. (1976). *Sexualität im Alter*. Köln: Böhlau Verlag.
- Umidi, S.; Pini, M.; Ferretti, M.; Vergani, C.; Annoni G. (2007) Affectivity and sexuality in the elderly: Often neglected aspects, *Archives of Gerontology & Geriatrics*, 44, (pp. 413-417).
- Vala, J. (1997). Representações sociais – Para uma Psicologia Social do Pensamento Social. In J. Vala, M.B. Monteiro (coord.), *Psicologia Social*, (pp. 353-384), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala. J. (1993). As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social. *Análise Social*, vol. XXVIII (123-124), (pp. 887-919).
- Valente, R. (2008). “Sinto logo existo!...” – Estudo Sociológico sobre Sexualidade na Terceira Idade. In VI Congresso Português de Sociologia – *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Vasconcellos, D.; Novo. R.F.; Castro, O.P.; Vion-Dury, K.; Ruschel, A.; Couto, M.C; Colomby, P.; Giami, A. (2004) A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas, uma comparação transcultural, *Revista Estudos de Psicologia*, 9(3), (pp. 413-419).

- Vaz, J. M. (2003) Sexualidade e História. In Fonseca, L.; Soares, C.; Vaz, J. M., A Sexologia: Perspectiva Multidisciplinar (2.º volume). Coimbra: Quarteto.
  
- Vogt, W. P. (1999) Dictionary of Statistics and Methodology: A Nontechnical Guide for the Social Sciences, London: Sage.
  
- Waite L. J.; Laumann E. O.; Das A.; Schumm L. P. (2009). Sexuality: Measures of partnerships, practices, attitudes, and problems in the National Social Life, Health, and Aging Study. The Journals of Gerontology Series B - Psychological Sciences and Social Sciences, 64, (pp.156-166).
  
- Wall, K. (2000). Relatório sobre as Famílias no Portugal Contemporâneo. Lisboa: CIES / ISCTE.
  
- Walz, T. (2002). Sex for the mature adult: health, self-esteem and countering ageist stereotypes. Sexual and Relationship Therapy, 17(3), (231-240).
  
- Whitbourne, S. K. (2005). Adult development and aging: Biopsychosocial perspectives. New Jersey: Wiley.
  
- White, C. (1982). A scale for the assessment of attitudes and knowledge regarding sexuality in the aged. Archives of Sexual Behavior, 11, (pp. 491-503).
  
- White, C.B.; Catania, J.A. (1982). Psychoeducational intervention for sexuality with the aged, family members of the aged, and people who work with the aged. Journal of Aging and Human Development, 15(2), (pp. 121-138).
  
- Zetterberg, H. L. (1969). Om sexuallivet i Sverige. Värderingar, normer, beteenden i sociologisk tolkning, Stockholm. Sweden: SOU.



## **Anexos**

---



## Anexo 1 – Guião de entrevista

Caro(a) Senhor(a),

Esta entrevista insere-se num projeto de investigação no âmbito do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura. Pretende auscultar as pessoas de 55 e mais anos sobre a vida na intimidade. A sua opinião assume grande importância para este estudo. As informações que nos prestar visam contribuir exclusivamente para este estudo e serão tratadas de forma totalmente confidencial.

Agradecemos, desde já, a sua preciosa colaboração para o sucesso deste trabalho.

- O 25 de abril de 1974 representa um ponto de viragem entre um passado mais repressivo e uma nova era de liberdade. Considera que este momento histórico operou uma mudança de mentalidades na sociedade portuguesa? Acha que os portugueses passaram a discutir temas até então tabus? Se sim, que temas passaram a ser discutidos?
- Na sua opinião, a que se deveu o facto de o filme mais visto nos meses seguintes à implantação da democracia em Portugal ter sido um filme de cariz erótico («O Último Tango em Paris»)? Acha que os portugueses se sentiam reprimidos sexualmente?
- A emancipação da mulher conferiu-lhe o direito de aspirar a uma posição mais igualitária na sociedade. Entende que essa posição permitiu uma assunção diferente da sua sexualidade?
- O que é que contribuiu para um maior conhecimento da população em relação à temática da sexualidade?
- Como encara a sua própria sexualidade? Que importância tem na sua vida? Atribuiu-lhe a mesma importância que tinha para si quando era jovem? Corresponde ao que preconizou para o relacionamento com o seu companheiro/a sua companheira?
- O que é para si uma vida sexual satisfatória?
- Fala abertamente da sua vida sexual com outras pessoas (médicos, companheiro(a), amigos(as))? Se não, porque não o faz?
- Acha que a menopausa/andropausa altera a forma como a pessoa vive a sexualidade? Se sim, que alterações acha que acarreta? Porquê?
- Qual acha que é a visão da sociedade sobre a sexualidade de alguém com mais de 55 anos?
- Acha que a sociedade aceita que as pessoas idosas expressem publicamente o seu afeto por um(a) companheiro(a) da mesma forma que os jovens? E o senhor/a senhora, acha que as pessoas idosas têm direito a expressarem o seu afeto por um(a) companheiro(a) da mesma forma que os jovens? Porquê?

- Que fatores considera que poderiam inibir a sua prática sexual?
- Acha que a sexualidade é uma coisa apenas dos mais jovens?
- O sexo foi importante na sua juventude?
- Da sua experiência, entende que a prática sexual melhora com a idade ou o contrário?
- Tem por hábito procurar informações sobre questões ligadas à sexualidade?

<b>Dados do entrevistado</b>	
Idade:	_____
Sexo:	_____
Habilitações literárias:	_____
Religião:	_____
Atividade profissional:	_____
Estado civil:	_____